

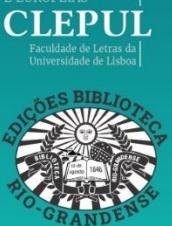


  
Coleção  
Documentos

31

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



# O VIAGEIRO JORNALISTA: OSCAR LEAL E A IMPRENSA PERIÓDICA (FRAGMENTOS)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



# **O VIAGEIRO JORNALISTA: OSCAR LEAL E A IMPRENSA PERIÓDICA BRASILEIRA (FRAGMENTOS)**





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



### DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES  
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL  
DIRETOR DE ACERVO – MAURO NICOLA PÓVOAS  
1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES  
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO  
TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

Francisco das Neves Alves

# O VIAGEIRO JORNALISTA: OSCAR LEAL E A IMPRENSA PERIÓDICA BRASILEIRA (FRAGMENTOS)



- 31 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2020

**Ficha Técnica**

Título: O viageiro jornalista: Oscar Leal e a imprensa periódica (fragmentos)

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 31

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Retrato de Oscar Leal estampado no livro *Viagem ao centro do Brasil (impressões)* sobre frontispícios de alguns dos jornais citados ao longo do livro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Outubro de 2020

ISBN – 978-65-87216-21-8

**O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e cinquenta livros.



## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)  
António Ventura (Universidade de Lisboa)  
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)  
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)  
Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)  
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Francisco Topa (Universidade do Porto)  
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)  
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)  
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)  
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)  
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)  
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)  
Maria Eunice Moreira (PUCRS)  
Tania Regina de Luca (UNESP)  
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Virgínia Camilotti (UNIMEP)



A imprensa, periódica que no dizer de um insigne pensador nada mais é do que a expressão fiel da emoção, da vontade e da inteligência, está aí a cada momento representando-nos em traços salientes e luminosos o talhe escultural do tipo mais elevado da animalidade do globo – o retrato moral deste engenhoso anel da cadeia biológica – o homem.

**Oscar Leal – *Brasileiros ilustres***



## APRESENTAÇÃO

Oscar Leal (1862-1910) foi um escritor que atuou no âmbito brasileiro e lusitano entre os decênios finais dos Oitocentos e iniciais dos Novecentos. Desenvolveu uma carreira intelectual razoavelmente prolífica, lançando nessa época diversos livros, além de publicar vários ensaios e artigos. Como era comum em tal momento histórico, sua ação foi múltipla, atuando como contista, cronista e poeta. Sua grande preferência foram os relatos de viagem que acabaram por constituir a parte mais importante de sua obra, estando presentes direta e/ou indiretamente no conjunto de sua produção intelectual. Assim, intentou a seu modo agir também como naturalista, ao buscar transmitir a seus leitores as suas visões/versões sobre os lugares visitados. Dentista por formação e profissão, Leal adaptou até mesmo essas funções ao seu gosto pelas excursões, tanto que praticou, mormente nos rincões brasileiros, uma espécie de odontologia itinerante, levando assistência dentária e, ao mesmo tempo, conhecendo novos lugares pelos confins interioranos do Brasil. Visava assim, a articular os papéis de naturalista/cientista/dentista com o de literato e, para tanto, teve na imprensa periódica um considerável instrumento de ação.

A evolução histórica da imprensa esteve ligada à constante busca por informação inerente à grande parte das sociedades, de modo que a curiosidade pública, a narração dos acontecimentos e as necessidades burocrático-

administrativas dos Estados, entre outros, consistiram elementos motores para a criação de sistemas de coleta e propagação de informações. Ainda que alguns dos “antepassados”, que constituíram certa equivalência da imprensa, possam ser encontrados mesmo antes da difusão das atividades tipográficas, estes longínquos antecedentes e vagas semelhanças não chegam a ser suficientes para explicar a gênese das práticas jornalísticas. Para essas origens, as transformações do mundo moderno, como o crescimento da curiosidade científica e da necessidade de dados informativos, com o Renascimento; as polêmicas religiosas advindas da Reforma e da Contrarreforma; as trocas de informações, com o incremento das atividades bancárias e comerciais; os progressos burocráticos e de comunicação que acompanharam a afirmação dos Estados Nacionais; e os avanços tecnológicos, mormente com a invenção da tipografia, desempenharam significativo papel. Surgiam, desta maneira, ainda nos séculos XVI e XVII, uma série de folhas volantes impressas como os libelos, os pasquins, os almanaques, além das *occationnels* francesas, dos *zeitungen* alemães e das *gazetas* italianas, atividades que tiveram uma longa sobrevivência<sup>1</sup>.

Estavam, assim, reunidas as condições para o aparecimento de uma imprensa periódica, ocorrendo numerosas tentativas de levar em frente este tipo de publicação. Porém, foi só ao final do século XVIII e durante a centúria seguinte que o jornalismo veio a desenvolver-se e atingir sua fundamental importância na formação da opinião pública, seguindo as ondas revolucionárias

---

<sup>1</sup> ALBERT, P. & TERROU, F. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 3-6.

que demarcaram a história europeia e mundial desse período. Nesse sentido, a evolução da imprensa acompanhou os avanços das revoluções liberais, desenvolvendo-se mais acentuadamente nos países onde estas primeiramente fizeram sentir seus efeitos, notadamente na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos. Essa fase revolucionária serviu para dar extraordinário impulso às atividades jornalísticas em diversas partes do mundo ocidental, como na América Latina, onde tiveram importante participação nos processos de emancipação nacional, primeiramente na de colonização espanhola, onde as tipografias já se faziam presentes há um maior tempo e, mais tarde, na América Portuguesa. Desse modo, mesmo com notáveis diferenças de país para país, o jornalismo fez progressos consideráveis nessa época e, a partir daí, aperfeiçoando-se constantemente, esteve cada vez mais presente em todos os setores das sociedades nas quais foi praticado<sup>2</sup>.

Nesse quadro, a mensagem jornalística vem experimentando mutações significativas, em decorrência das transformações tecnológicas que determinam as suas formas de expressão, mas sobretudo em função das alterações culturais com que se defronta e das adaptações por que passa a instituição jornalística em cada país ou em cada universo geocultural<sup>3</sup>. Apesar dessas diferenças na disseminação das atividades ligadas ao jornalismo através de diversas regiões onde a imprensa se fez presente, ela ajudou a dar forma aos eventos que registrava, constituindo-se em uma força ativa na história ainda

---

<sup>2</sup> ALBERT & TERROU. p. 7, 11-12, 21 e 29.

<sup>3</sup> MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985. p.32.

mais nos momentos em que a luta pelo poder foi uma luta pelo domínio da opinião pública<sup>4</sup>. No Brasil, desde a sua gênese como Estado Nacional, o jornalismo desempenhou uma importante função não só na divulgação/informação dos fatos, como também na discussão/opinião sobre os mesmos, atuando decisivamente ao longo das várias transformações político-institucionais pelas quais o país passou.

O significado da imprensa tornou-se tão fundamental que alguns autores chegaram a compará-la a um “quarto poder” nos Estados. No caso brasileiro, a exemplo da maioria dos locais onde se desenvolveu, ao atuar na orientação, formação e/ou manipulação da opinião pública, o jornalismo, ao longo de suas diversas etapas de evolução, transformou-se em verdadeiro elemento constitutivo da sociedade e refletiu, através das páginas dos jornais, os diferentes momentos históricos do Estado Nacional Brasileiro, bem como influiu direta/indiretamente em cada um deles. Dessa maneira, a imprensa tornou-se um fator essencial nas interpretações históricas a respeito da formação brasileira, nos seus mais diversos fundamentos, como o político, o econômico, o social, ou o ideológico.

Superando certos preconceitos iniciais que descartavam a imprensa como fonte para as pesquisas científicas, tendo em vista sua natureza “tendenciosa”, nas últimas décadas, uma quantidade cada vez mais crescente de trabalhos vêm utilizando as informações e/ou opiniões expressas nos periódicos

---

<sup>4</sup> DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel. *Revolução impressa (1775-1800)*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 15.

para promover reconstruções históricas acerca dos mais variados setores da vida brasileira. Esses preconceitos contra os possíveis engajamentos dos jornais foram sobrepujados graças ao aprofundamento do conhecimento a respeito do processo histórico, da época e da região sobre os quais se está investigando, bem como da utilização de critérios teórico-metodológicos que, através de uma seleção judiciosa, podem permitir excelentes resultados ao historiador que entabula suas análises a partir da imprensa<sup>5</sup>.

Como meio de comunicação mais eficaz na difusão de informações e opiniões, ao longo do século XIX, a imprensa escrita teve um papel significativo na formação dos hábitos, dos gostos, das atitudes, dos desejos e, enfim da opinião pública<sup>6</sup>, de modo a constituir um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social, proporcionando estudos nos quais ela pode atuar como agente da história, permitindo captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais<sup>7</sup>. Essa valorização do jornalismo como instrumento para as pesquisas levou os investigadores a enfrentar e sobrepujar uma série de obstáculos intrínsecos à utilização desse tipo de documentação, como a falta de coleções completas, mormente quando se trata da pequena imprensa da qual os exemplares remanescentes são em

---

<sup>5</sup> Conforme: BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.196.; e TOPOLSKY, Jerzy. *Metodología de la historia*. Madri: Catedra, 1985. p. 175 e 471-2.

<sup>6</sup> BESSA, Pedro Parafita. Uma análise do conteúdo dos jornais. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: v. 149, jul. 1952. p. 23.

<sup>7</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988. p. 21.

número extremamente reduzido; os problemas de conservação material das fontes<sup>8</sup>; a carência de informações complementares nos documentos oficiais e uma mediocridade geral dos arquivos de empresas que permitiriam descrever a *instituição* do jornal, suas finanças, seus métodos de recrutamento e suas ligações cotidianas com os diferentes poderes<sup>9</sup>. Nas décadas finais do século XIX e iniciais da centúria seguinte, a imprensa escrita consolidou-se como o mais importante meio de comunicação no cenário de transições típico do Brasil dessa época<sup>10</sup>.

Oscar Leal passou significativa parte de sua vida no Brasil e teve uma interação intensiva com as atividades jornalísticas, atuando como objeto e sujeito nas páginas impressas, ou seja, tanto teve informes publicados a seu respeito, como colaborou com textos de sua lavra nas páginas de diversos periódicos brasileiros. Em sua atuação itinerante, viajou por vários locais do país e, mantendo íntima relação com o periodismo, conseguiu atingir importante projeção de seu nome, aparecendo em jornais de diferentes regiões brasileiras, mormente nas que excursionou, mas também para além delas. Este livro apresenta um levantamento das notas e notícias publicadas a respeito do escritor e dos trabalhos por ele apresentados junto à imprensa periódica

---

<sup>8</sup> Ver: RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 4.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1982. p. 170.

<sup>9</sup> JEANNENEY, Jean-Noël. A mídia. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 214.

<sup>10</sup> Texto elaborado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 13-15.

brasileira<sup>11</sup>. Tal arrolamento é composto por uma série de fragmentos e foi realizado a partir do acervo disponibilizado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, bem como, em bem menor escala, na coleção de jornais rio-grandinos da Biblioteca Rio-Grandense. O presente trabalho foi executado no âmbito do Estágio Pós-Doutoral realizado junto à Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras (Assis), Programa de Pós-Graduação em Letras, sob a supervisão do Prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior.

---

<sup>11</sup> A respeito da conjuntura do jornalismo brasileiro da época, observar: SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; e, sobre a imprensa em cada uma das unidades administrativas brasileiras na virada do século XIX ao seguinte, ver: MATTOS, José Veríssimo de. A imprensa. In: LIVRO DO CENTENÁRIO (1500-1900). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, v. 1, seção 4, p. 31-71.



## **ÍNDICE**

<b>Viajante, explorador, naturalista, literato, dentista e... jornalista: Oscar Leal nas páginas da imprensa brasileira (matérias e notas de teor informativo).....</b>	<b>21</b>
<b>Colaborações de Oscar Leal em periódicos brasileiros.....</b>	<b>71</b>



**VIAJANTE, EXPLORADOR,  
NATURALISTA, LITERATO, DENTISTA  
E... JORNALISTA: OSCAR LEAL NAS  
PÁGINAS DA IMPRENSA BRASILEIRA  
(MATERIAS E NOTAS DE TEOR  
INFORMATIVO)**

As principais referências aos fundamentos biográficos e bibliográficos de Oscar Leal estão presentes em alguns dos principais dicionários voltados a tais temáticas no âmbito brasileiro-lusitano. Nesse sentido, diversos dados sobre o escritor fazem parte do conteúdo dos verbetes dos dicionários escritos por Sacramento Blake<sup>12</sup>, Inocêncio Francisco da Silva<sup>13</sup>, e Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues<sup>14</sup>. Em tais referências ficavam expressas algumas informações fundamentais sobre Leal como ano e local de nascimento, formação educacional, trabalhos que compunham a sua obra, viagens que empreendeu e instituições culturais, literárias, acadêmicas e científicas a que pertenceu. As tantas presenças de Oscar Leal nos periódicos brasileiros trazem também uma série de informações que, mesmo bastante fragmentárias, servem para complementar, corroborar e ampliar aquele conjunto de dados de natureza biobibliográfica. Nesse sentido, todos esses fragmentos dispersos, uma vez reunidos, podem vir a constituir significativas parcelas para a formação de um mosaico informativo que, no seu âmbito geral, traduzem um todo conjuntural das tantas vivências do escritor.

Na execução de sua profissão e seguindo a vocação de viageiro, Oscar Leal percorreu itinerários bastante disparem em relação a muitos dos viajantes que

<sup>12</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, v. 5, 1900, v. 6. p. 339-340.

<sup>13</sup> SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1894, t. 17. p. 131

<sup>14</sup> PEREIRA, Esteves & RODRIGUES, Guilherme. *Portugal – dicionário histórico, corográfico, biográfico, bibliográfico, heráldico, numismático e artístico*. Lisboa: João Romano Torres & Cia. Editores, 1909. v. 4. p. 98

excursionaram pelo Brasil, uma vez que, além das grandes cidades e do litoral, promoveu uma interiorização em seus trajetos, percorrendo os rincões nacionais, mormente nas regiões centro-oeste e norte, sem deixar de também passar pelo sudeste, o nordeste e até o sul. Para cada um dos caminhos percorridos, em geral, o autor produziu relatos que seriam insertos nos tantos livros e artigos que redigiu. Em tal empreitada, Leal desempenhou uma ação contumaz de aproximação com a imprensa periódica, de modo que seus deslocamentos foram constantemente noticiados. Na busca pelo reconhecimento intelectual e na divulgação de suas atividades profissionais, o escritor fazia questão de anunciar por meio do jornalismo sua chegada e saída das tantas comunidades que visitava e que contavam com periódicos. Nesse sentido, tanto buscava estabelecer a sua notoriedade, tornando-se conhecido em inúmeros lugares, como propagandeava seu itinerante atendimento na área dentária.

Assim, apareciam nos informes jornalísticos elementos constitutivos das vivências de Oscar Leal que envolviam questões como as chegadas e partidas de localidades, a hospedagem em hotéis, os periódicos que organizou enquanto esteve no Brasil, as doenças a que esteve acometido, os anúncios de seus serviços odontológicos, as querelas em que se envolveu por meio da imprensa, as idas e vindas à Europa, os projetos de produção intelectual, as festas que promoveu, as visitas que realizou às redações dos jornais, as atividades culturais em que se fez presente, os ingressos em entidades acadêmico-científicas e culturais, o seu enlace matrimonial, entre tantas outras. Há

questões peculiares como a descrição de uma tentativa de assalto que o próprio Leal transformou em um ato quase épico de coragem e bravura e declarações “espontâneas” sobre as qualidades dos serviços por ele prestados, ou ainda a utilização de cocaína como anestésico em suas operações dentárias, e também uma indicação da monarquia lusa para a atribuição de um título nobiliárquico a Leal, apesar dele sempre ter se declarado republicano. Aparecem registros das províncias e dos estados os mais diversos, com destaque para os do centro-oeste, mormente Goiás, onde empreendeu uma duradoura viagem e, no nordeste, o Pernambuco, onde chegou a fixar residência e estabelecer gabinete odontológico. É também possível detectar os tantos itinerários que desenvolveu em suas andanças pelo Brasil. Finalmente, mesmo que tenha sido publicado em brevíssimas notas, há também o registro de seu falecimento, informação não contida naquelas referências biobibliográficas por ter ocorrido em ano posterior às suas edições.



## CHEGADOS A S. PAULO

Acham-se hospedados no hotel França, chegados ontem, os seguintes  
Srs.:

Dr. Oscar Leal (...).

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 24 fev. 1884, a. 30, n. 8257, p. 3.

#####

## IMPRENSA

[Foi publicado] a 21 do corrente, o 3º número do *Dentista*, periódico de propriedade e redação do Sr. Oscar Leal, cirurgião-dentista, que se acha atualmente nesta cidade

O PUBLICADOR GOIANO. Goiás, 7 mar. 1885, a. 1, n. 2, p. 3.

#####

## DESPEDIDA

Retirando-me desta capital, vítima de uma bronquite, venho por este meio despedir-me por algum tempo, dos amigos que encontrei nesta boa terra e espero que em outra época me dispensem o mesmo acolhimento de hoje.

Oscar Leal

Rio de Janeiro, Rua de S. Amaro, 29

O PUBLICADOR GOIANO. Goiás, 28 mar. 1885, a. 1, n. 5, p. 4.

#####

### HÓSPEDES

(...) De volta da Província de Goiás, está presentemente nesta cidade o Sr. Oscar Leal, cirurgião-dentista.

O VOLITIVO. Uberaba, 19 abr. 1885, a. 2, n. 38, p. 3.

#####

### CESAR FRANCO

Este nosso amigo e colaborador de *O Volitivo*, a nosso pedido, deixará de responder ao Sr. Oscar Leal, visto não caber-lhe a acusação exarada em artigos ineditoriais da *Gazeta de Uberaba*. Entendemo-nos com o mesmo Oscar, deixando de publicar um longo artigo do nosso colaborador, a fim de por paradeiro a questiúnculas que nada aproveitam. Fica assim terminada, cremos, a questão, fazendo-se sentir apenas que nada houve de desairoso entre Cesar Franco e *O Porvir*, tendo se acabado a questão de limites com atenção recíproca, e que outro foi quem teve de ser maltratado pelos moços daquele pequeno jornal de Goiás.

O VOLITIVO. Uberaba, 17 maio 1885, a. 2, n. 42, p. 3.

#####

### HÓSPEDE ILUSTRE

Chegado da Corte, acha-se nesta vila o cirurgião-dentista Sr. Oscar Leal, onde já tem o seu gabinete franco ao público para o exercício de seus trabalhos, enquanto aqui se demorar.

Cavalheiro simpático e modesto, inteligência literária já bem desenvolvida e honrosamente apreciada pela imprensa brasileira, é a melhor recomendação que pode guiar o jovem viajante para qualquer parte e uma garantia para o capricho de seus trabalhos artísticos.

Fazemos-lhe nossa visita.

O CACHOEIRANO. Cachoeiro do Itapemirim. 13 set. 1885, a. 8, n. 37, p. 1.

#####

### ANÚNCIO – CLÍNICA CIRÚRGICO-DENTÁRIA

O cirurgião-dentista, Oscar Leal, em excursão nesta província e ora neste lugar, oferece os seus serviços, garantindo beleza, perfeição e comodidade em seus trabalhos.

Pode ser procurado no hotel Pimenta, nesta vila. Tem também gabinete na Corte, à Praça da Constituição nº. 56.

O CACHOEIRANO. Cachoeiro do Itapemirim. 13 set. 1885, a. 8, n. 37, p. 4.

#####

#### CIRURGIÃO-DENTISTA

Acha-se entre nós o Dr. Oscar Leal, habilíssimo dentista formado pela escola de medicina da Corte.

O Dr. Oscar é simpático, modesto e de trato ameno, além de ser um espírito culto na literatura, segundo afirma o seu estilo correto e variado na conversação.

Esteve no Cachoeiro, aonde foi bastante procurado nos misteres de sua profissão, e aonde o Dr. Oscar deixou verdadeiras simpatias já pelo seu talento, já pela sua nobreza de caráter, já finalmente pela sua afabilidade de cavalheiro do *bom-tom*.

O cumprimentamos, almejando que a sua clientela entre nós corresponda à sua expectativa.

À família itapemirinense ele oferece os seus serviços por chamado à suas casas, ou em seu gabinete de trabalho, à Rua Municipal, nº. 20.

O CONSTITUCIONAL. Itapemirim, 18 out. 1885, a. 1, n. 27, p. 1.

#####

## DESPEDIDA

Penhoradíssimo pelas exuberantes provas de amizade e filantropia que na curta estada nesta vila hei recebido de muitas pessoas com as quais tive ocasião de travar relações, venho por esta forma agradecer, testemunhando a minha gratidão.

Cachoeiro, 12 de outubro de 1885.

Oscar Leal

Residência, Praia do Botafogo, 144, Corte

O CACHOEIRANO. Cachoeiro do Itapemirim, 18 out. 1885, a. 8, n. 42, p. 2.

#####

## ANÚNCIOS – OSCAR LEAL – CIRURGIÃO-DENTISTA

De volta do Cachoeiro está a disposição do respeitável público até à chegada do primeiro vapor para o norte.

Pode ser procurado em casa dos Srs. Narciso da Costa Pinto & Cia. ou na Rua Municipal, nº. 20.

O CONSTITUCIONAL. Itapemirim, 25 out. 1885, a. 1, n. 28, p. 4.

#####

## DE PASSAGEM

Está nesta capital, em viagem para Caravelas, o cirurgião-dentista Oscar Leal, que já tem percorrido uma boa parte do Brasil e redigiu há tempos o *Dentista* – “jornal viajante”, como lhe chamava por ser publicado nos lugares onde o seu redator exercitava sua arte.

O Sr. Oscar Leal é também um inteligente cultor das letras.

A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 4 nov. 1885, a. 4, n. 933, p. 4.

#####

## ANÚNCIO – ELIXIR DE WHITE – Único agente – Oscar Leal

Esta preparação destrói por sua forma os sais de que se compõe o tártaro dos dentes, evitando a cárie dos mesmos.

À venda nas casas de Cabral & Cia., Neto & Filho, Farmácia Pessoa, Juvêncio Moraes e Victor de Oliveira – nesta capital.

A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 19 nov. 1885, a. 4, n. 946, p. 1.

#####

## MOVIMENTO DE PASSAGEIROS

(...)

Seguiram, no paquete *Maria Pia* para Caravelas – Delecarliense Araripe e Oscar Leal.

A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 19 nov. 1885, a. 4, n. 946, p. 3.

#####

*O Dentista*. Publicação mensal, distribuída gratuitamente, impresso na tipografia do *Comércio* sob as vistas de Oscar Leal.

GOIÁS. Goiás, 25 set. 1886, a. 2, n. 53, p. 2.

#####

O Sr. Oscar Leal, escritor português, atualmente em excursão pelas províncias de nosso país, está publicando em Lisboa um livro de sensação com o título: *Viagem ao centro do Brasil*.

GUTENBERG. Maceió, 28 set. 1886, a. 5, n. 118, p. 2.

#####

## UMA PEQUENA MANIFESTAÇÃO

Ao deixar Cametá a 6 do corrente, Oscar Leal ofereceu a alguns de seus amigos um modesto banquete no restaurante Tocantins.

Para maior brilhantismo, uma banda de música tocou durante o festim, escolhidas peças do seu (...) repertório.

Entre os brindes, citaremos: do mesmo aos cametaenses, dos quais conservará as mais gratas recordações; do Dr. Aristides Moraes a Oscar Leal pela sua pronunciada inteligência; do Sr. Temístocles de Figueiredo, expondo claramente à luz da verdade os altos dotes de tão saudoso viajante; de Oscar Leal à imprensa cametaense. Falaram ainda os Srs. Francisco Monteiro, Henrique Wanzeller e o Sr. P. Farias, que recitou uma bela poesia.

O serviço foi de 12 talheres, o salão achava-se brilhantemente ornado e iluminado.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Belém, 10 mar. 1887, a. 7, n. 55, p. 2.

#####

O Sr. Oscar Leal tencionava seguir para a Europa por todo o mês de agosto o setembro e de passagem por Lisboa publicará em volume os seus *Contos e viagens*.

O CACHOEIRANO. Cachoeiro do Itapemirim, 31 jul. 1887, a. 10, n. 31, p. 2.

#####

### A PEDIDO – Oscar Leal – em Santa Luzia

A fim de orientar o público sobre o fato criminoso de que ia sendo vítima no dia 28 de março e destruindo quaisquer falsos comentários a respeito, apresso-me a relatar a verdade de tudo como mais ou menos consta do depoimento das testemunhas e termos de declaração tomado na delegacia de polícia desta cidade.

Tendo vindo aqui no exercício de minha profissão a convite do distinto cavalheiro Joseph de Melo Alvares, diretor da colônia Blazinna e de outras pessoas, achava-me eu na noite de 27 em casa do mesmo onde se jogava no voltarete e de onde saí às 10 horas da noite em companhia do Dr. Couto Delgado, juiz de direito da comarca, que é meu vizinho. Despedindo-me dele ao entrar em minha casa, fui avisado de que a porta da rua aberta então ficara fechada por se acharem os camaradas fora da cidade ocupados no campeio.

Na persuasão de que pessoa estranha ali penetrara, dirigi-me logo pelo corredor para a varanda, enquanto um menino meu abria a sala, quando notei que um indivíduo passando para a cozinha, fugia precipitadamente por uma janela. Pulando também, divisei logo a pequena distância o sujeito que persegui até meio do quintal, no momento em que o ladrão, galgando a taipa dos fundos, conseguir dar às de Vila Diogo, são e salvo como um pero.

Mais tarde, fui informado pelo tenente José Roriz de que um tipo conhecido por Francisco Sátiro, gatuno *sujo*, andara roubando às 9 horas à

frente de minha casa e, na expectativa de prendê-lo na seara alheia, velei até alta noite estendido sobre um muro que por mal dos meus pecados desabou a uma hora da madruga e felizmente sem que eu sofresse a menor contusão.

Sendo frustrado o meu plano e já olvidando o acontecido, dirigia-me no dia seguinte, 28, por volta das 10 horas da manhã, para casa do capitão Melo, completamente desarmado, quando encontrei-me com um indivíduo que logo reconheci ser o tal Sátiro da véspera e que conduzia pelo cabresto uma égua queimada. Sem mais demora enfrentei-o, censurando-o no intuito manifesto de aconselhá-lo a não repetir a visita, pois, sendo ele gatuno conhecido e tendo já cumprido pena na cadeia de Goiás, o seu fim não seria outro senão o roubo. Ademais, em minha casa ele só encontraria dentes e para o dentista não o achava *com jeito*.

Ouvindo isto, Sátiro, que parece estava já bem prevenido, lança mão de uma faca para ferir-me, o que não consegue porque, evitando-o *no giro*, passei-lhe uma rasteira e dei com ele por terra.

Perdendo a esperança de atracar-se comigo, lança Sátiro então as unhas numa garrucha de dois canos e dispara-a em mim quase à queima-roupa, escapando ainda eu ser morto pelo bandido que, ato contínuo, pôs-se em fuga, perseguindo-o até o lugar denominado Três Bicas, mas de balde. Apenas uma bala varou-me o casaco, graças a Deus e ao acaso. A fumaça é que me atrapalhou mais.

É necessário notar-se que esta tentativa de morte deu-se em plena rua às 10 horas do dia e a doze passos de distância da casa em que residia o distinto magistrado, Dr. Delgado, que se retirou para São Paulo três dias depois do fato e que mesmo assim, antes de partir, deu as providências precisas para animar as autoridades no cumprimento do dever.

Infelizmente em Santa Luzia não existe um único soldado, nem mesmo um protoplasma qualquer que espante a gente com a sua presença. É uma lástima.

Creio bem que a este fato se reúne certo mistério que tratarei de desvendar.

Tencionando publicar os motivos e impressões de minhas novas jornadas por este florescente estado sob o título “Viagem às terras goianas”, peço pois aos senhores gatunos, escruchantes, assassinos e lunfardos que me deixem em paz na minha faina de trabalhar num *Struggle for life* que me honre e para não perder o tempo e de todo o papel chamo a atenção dos habitantes das cidades pelas quais tenho de passar para o novo sistema de dentaduras em chapa ou base de “Mafllue” feitas no curso prazo de 6 horas, que aprendi em Paris, com o próprio autor, o Dr. Clessler.

Santa Luzia, 4 – 4 – 90.

Oscar Leal

GOIÁS. Goiás, 30 maio 1890, a. 5, n. 245, p. 4.

#####

## AO CIDADÃO OSCAR LEAL

Tendo aproveitado a estada que teve conosco, declaro que o cirurgião-dentista Oscar Leal é um dos melhores profissionais, pois foi o único que conseguiu deixar uma dentadura boa e firme em pessoa de minha família, cuja boca outros senhores dentistas diziam não oferecer a devida base.

Morrinhos, setembro de 90.

Halifas de Montandon.

-----

Sofrendo há anos de uma escoliose contínua no maxilar inferior e de uma fistula, quis o acaso que me encontrasse com o hábil e bondoso cirurgião-dentista Oscar Leal, ao qual agradeço por esta forma, a delicada operação que me fez, seguida de feliz êxito, e sem aceitar a remuneração de cem mil réis que espontaneamente lhe ofereci.

José Antônio Frizardo.

Residente em Passos

Morrinhos, setembro de 1890

GOIÁS. Goiás, 10 out. 1890, a. 6, n. 264, p. 4.

#####

## JORNAIS

(...) *O Viajante*, da cidade de Corumbá, Estado do Mato Grosso.

É seu proprietário e redator o cidadão Oscar Leal, pessoa já bem conhecida do povo desta cidade, onde esteve em 1883, exercendo a profissão de dentista e onde também deixou exuberantes provas de sua dedicação às letras.

Abraçamos cordialmente aos ilustres colegas, desejando-lhes longa vida e que esta seja sempre próspera.

O CACHOEIRANO. Cachoeiro do Itapemirim, 12 jul. 1891, a. 14, n. 19, p. 2.

#####

## DENTISTA

O cirurgião-dentista Oscar Leal pede às pessoas que necessitarem de seus préstimos o favor de o procurarem com antecedência, a fim de poder atender a todos.

No gabinete dentário, Rua 13 de Junho, nº 10.

N. B. A sua demora nesta capital é somente até o fim de outubro próximo.

O MATO GROSSO. Cuiabá, 20 set. 1891, a. 13, n. 643, p. 4.

#####

## RETIFICAÇÃO

O Sr. Oscar Leal em um jornal por ele publicado a 16 do corrente, disse que nesta cidade não há uma oficina de alfaiate! Não sei o que disto os outros responderam, mas por minha parte acho que não foi suficiente a sua averiguação, pois se se dirigisse à minha casa, que está nas proximidades da sua e onde tem uma tabuleta na porta com meu nome e profissão, teria verificado que há já estabelecida uma oficina de fazer roupa para homens, senhoras, meninos, que pretendo desenvolver com minha família e mais pessoal que em breve espero, podendo com toda a garantia oferecer a esta população, com que venho ficar, os meus préstimos como alfaiate – mestre diplomado em Paris – e se duvidar convida o Sr. Leal a vir tomar a sua medida, encomendando-me um “complet”, como igualmente convido ao povo cuiabano a visitar meu estabelecimento à Rua 13 de Junho, na esquina do Largo do Ipiranga, onde fica às suas ordense.

Cuiabá, 21 de outubro de 1891.

Emílio Martins

Alfaiate professor de corte

O MATO GROSSO. Cuiabá, 25 out. 1891, a. 13, n. 648, p. 4.

#####

## ANÚNCIOS – DENTISTA

O cirurgião-dentista Oscar Leal participa às distintas famílias e a seus clientes que, continuando a ser procurado para os misteres de sua profissão, resolveu permanecer nesta capital até o mês próximo, continuando a ser encontrado em seu gabinete à Rua Bela nº. 10, das 8 da manhã às 5 da tarde.

O MATO GROSSO. Cuiabá, 22 nov. 1891, a. 13, n. 652, p. 4.

#####

## DENTISTA

O cirurgião-dentista Oscar Leal, tendo de partir em janeiro para Assunção onde é esperado, pede às pessoas que desejem ainda se utilizar de seus préstimos o fazerem quanto antes.

Gabinete dentário – Rua Bela nº. 10.

O MATO GROSSO. Cuiabá, 15 dez. 1891, a. 13, n. 655, p. 4.

#####

Jornalista distinto entre os mais distintos do Brasil, o nosso hóspede tem dirigido profICIENTEMENTE a *Ante Sala*, o *Correio dos Clubes Dentários*, o *Viajante* e o *Tributo às Letras*, folhas da sua exclusiva propriedade, e colaborado nos principais jornais dos estados brasileiros.

Escritor dedicado e primoroso, tem dado à estampa vários livros de reconhecida valia, tais como a *Filha do miserável* e a *Viagem ao centro do Brasil*. Este último trabalho foi publicado em Lisboa, quando Oscar Leal aqui esteve há seis anos, de volta de Paris.

Vindo agora novamente à nossa capital, depois de uma viagem de três meses, o fecundo escritor trata de completar a impressão de um novo livro, *Viagem às terras goianas*, obra que será ilustrada com magníficas gravuras de Pastor e Regnol, segundo desenhos executados pelo próprio autor *d'après nature*.

Neste volume, conta o infatigável e arrojado *touriste* todas as vicissitudes e dolorosos transes por que passou na sua difícil travessia de Mato Grosso, entre povos estranhos, e assoberba-nos com a narrativa empolgante de uma perigosíssima ascensão à famosa Serra de S. Jerônimo, que, antes dele, só fora galgada pelo naturalista americano Herbert Smith.

Os riscos que (...) foram enormes, não o demovendo do seu firme propósito de ver e de estudar. Afrontou-os todos com uma extraordinária serenidade de ânimo, que é a feição dominante de seu caráter aventuroso e irrequieto.

-----

Nos diversos países que percorreu, Oscar Leal adquiriu magníficas coleções mineralógicas e reuniu muitas curiosidades que são dignas de ver-se.

O ilustre viajante descobriu a existência da coca cultivada no Tocantins, onde lhe dão o nome de (...), e informou dessa importante descoberta o ministro da agricultura do Brasil.

-----

Oscar Leal é sócio de várias sociedades científicas estrangeiras e acaba de ser eleito membro da Sociedade de Geografia de Lisboa, que por certo se honrará muito de o ter no seu grêmio.

GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro, 26 maio 1892, a. 13, n. 145, p. 1.

#####

#### REVISTA BIBLIOTECÁRIA

Recebemos o 1º número desse importante órgão de publicidade que encetou o seu tirocínio no dia 22 de agosto do corrente ano, na cidade de Lisboa.

Orna a sua primeira página o retrato de Oscar Leal, cirurgião-dentista, autor da recente obra intitulada *Viagem às terras goianas (Brasil central)* e que em excursão *touristica* pelo vasto solo brasileiro aqui esteve à cerca de oito anos e colaborou em nosso jornal durante os dias que permaneceu nesta cidade, então vila.

Este número da *Revista Bibliotecária* ocupa-se especialmente em transcrever a apreciação feita pelos diversos órgãos da imprensa portuguesa sobre o livro de Oscar Leal.

Agradecemos.

O CACHOEIRANO. Cachoeiro do Itapemirim, 23 out. 1892, a. 15, n. 42, p. 2.

#####

## VISITA

Recebemos ontem a visita do Sr. Oscar Leal, conhecido escritor fluminense que se acha de passagem nesta cidade.

O Sr. Oscar Leal teve a delicadeza de nos oferecer um exemplar de sua última obra *Viagem às terras goianas*.

Sobre esse trabalho diremos brevemente a nossa opinião, e por enquanto limitamo-nos a agradecer a fineza da oferta.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 27 out. 1892, a. 39, n. 10.820, p. 1.

#####

## HÓSPEDES E VIAJANTES

(...) Para Anta, o Sr. Oscar Leal.

O FAROL. Juiz de Fora, 3 nov. 1892, a. 26, n. 284, p. 1.

#####

## HÓSPEDES E VIAJANTES

(...) Para Benfica, o Sr. Oscar Leal.

O FAROL. Juiz de Fora, 6 nov. 1892, a. 26, n. 287, p. 1.

#####

## OSCAR LEAL

Acha-se nesta capital o Sr. Oscar Leal, bacharel em letras e cirurgião-dentista.

Agradecemos a visita e desejamos-lhe leve da terra alagoana as mais agradáveis recordações.

Nossos cumprimentos de boa vinda.

PÁTRIA. Maceió, 18 dez. 1892, a. 2, n. 264, p. 1.

#####

## GABINETE ODONTOLÓGICO

Ontem realizou-se a abertura desse gabinete e consultório do distinto odontologista Dr. Oscar Leal<sup>15</sup> à Rua Barão da Vitória nº. 37, 1º andar.

---

<sup>15</sup> Nas duas primeiras inserções do nome de Oscar Leal, o periódico cometia um erro, referindo-se ao "Dr. Cesar Oscar", engano corrigido ao final da matéria.

Chegado recentemente de sua viagem à Europa, montou seu gabinete a capricho, e nele dispõe de novos aparelhos aperfeiçoados, que, lhe facilitando o trabalho, proporcionam também a quem ele se submeter todas as vantagens dessa condição reunida à perícia de execução.

Titulado na arte que exerce pelas Faculdades de Paris, Lisboa e Bahia, não se apresenta o Dr. Oscar Leal como um desconhecido em sua profissão; e, ao contrário, oferece toda a garantia possível com esses documentos científicos ao público, que, procurando os seus serviços, terá ensejo de verificar mesmo por si que não falirá a sua reputação em presença do fato.

Sobre esses requisitos que se ligam imediatamente ao homem da profissão, que a prática com a proficiência do "savoir faire", ainda o público encontrará no nosso patrício o homem de sociedade, o cavalheiro distinto, cujo trato delicado e maneiroso atraí e prende.

No meio profissional em que entre nós entra o Dr. Oscar Leal há lugar para si. Não é demais, nem ofende aos colegas; sem competência agressiva e que não seja a de bem servir, todos podem conviver e lutar pela vida.

Bom êxito!

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 29 dez. 1892, a. 68, n. 295, p. 2.

#####

## DENTISTA

O Dr. Oscar Leal, formado pelas Faculdades de Paris, Lisboa e Bahia, recentemente chegado da Europa, abriu o seu gabinete à Rua Barão da Vitória nº. 37, 1º andar.

Dentaduras em base de maflue, invenção nova do Dr. Clessler e por todos os (...).

Obturações e aurificações garantidas.

Tratamento de fistulas, abcessos, etc.

JORNAL DO RECIFE. Recife, 4 jan. 1893, a. 36, n. 3, p. 4.

#####

## DR. OSCAR LEAL

Fixou definitivamente sua residência em Pernambuco o festejado escritor, nosso amigo, Sr. Dr. Oscar Leal, autor do importante livro, *Viagem às terras goianas*.

O Dr. Oscar, formado pelas faculdades de Paris, Lisboa e Bahia, estabeleceu gabinete cirúrgico-dentário no Recife.

Desejamos-lhe muitas prosperidades naquela capital.

ECO DO SUL. Rio Grande, 14 mar. 1893, a. 40, n. 58, p. 1.

#####

### SOCIEDADE LITERÁRIA GONÇALVES DIAS

Como dissemos sucederia, comemorou essa distinta sociedade, no sábado último, o 5º aniversário de sua fundação. (...)

Usaram da palavra os Srs. (...) Dr. Oscar Leal (...).

JORNAL DO RECIFE. Recife, 23 maio 1893, a. 36, n. 113, p. 3.; e 23 maio 1893, a. 69, n. 115, p. 2.

#####

### AO DR. OSCAR LEAL

Declaro que o Dr. Oscar Leal, hábil dentista estabelecido à Rua Nova, nº. 27, fez-me dez extrações de dentes em 5 minutos, obturando-me também seis outros em 3 dias, usando para esse fim da cauterização rápida, o que é de grande vantagem pela perda de tempo em contínuas visitas, com é costume, e sem que sofresse dores ou incômodos resultantes da operação.

Recife, 22 de maio de 1893.

Antônio Portella de Macedo (residente em Palmares).

JORNAL DO RECIFE. Recife, 23 maio 1893, a. 36, n. 113, p. 4.

#####

## DENTISTA

O Dr. Oscar Leal, formado pelas Faculdades de Paris, Lisboa e Bahia, de volta da sua viagem à Europa, abriu o seu gabinete à Rua do Barão da Vitória, nº. 37.

Coloca dentaduras sem chapa, invenção do Dr. Clessier e por todos os sistemas.

Extrações sem dor, com o emprego da cocaína.

As obturações e ourificações são garantidas e atende-se gratuitamente a reclamações durante o prazo de um ano.

Telefone 477.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 24 maio 1893, a. 69, n. 116, p.6.

#####

## GABINETE DENTÁRIO DO DR. OSCAR LEAL

O Dr. Oscar Leal participa à sociedade pernambucana que tendo em vista à forma porque o acolheu, tornando-o desde logo procurado para os misteres da sua profissão, deliberou mandar reformar completamente o prédio onde estabeleceu o seu gabinete cirúrgico-dentário e que hoje se acha decente e galhardamente preparado para continuar a receber as pessoas que se dignarem

confiar em seus préstimos. Especialista em prótese dentária, moléstias da boca, face e dentes, com onze anos de prática, dedica a maior atenção aos seus clientes, sujeitando-os o menos possível a operações dolorosas, mas praticando-as com o auxílio dos melhores anestésicos.

Usando de um sistema de cauterização rápida, as pessoas muito ocupadas encontram a vantagem de obturar em pouco tempo seus dentes, sem terem necessidade de voltar dezenas de vezes ao consultório e ficarem a esperar horas seguidas.

Os preços são fixos, de maneira a evitar perda de tempo. Reserva-se uma hora durante o dia para atender gratuitamente aos pobres, e por preços cômodos (com abatimento) às pessoas abastadas. Avisos pelo telefone 477.

As pessoas escrupulosas encontrarão no gabinete dentário os magníficos pós para limpar dentes, compostos de quina e outros ingredientes úteis, denominados **Oscarlina** e o magnífico **elixir de quitombe**, destinado a fortificar as gengivas e destruir o tártaro formado pelos sais da saliva, evitando a cárie dos dentes.

Recife – Rua Barão da Vitória nº 37 – Pernambuco.

Aviso. – Não se atende a chamados.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 26 maio 1893, a. 69, n. 118, p.3.

#####

[Notícia sobre] festa na sociedade literária Gonçalves Dias [na qual discursaram] (...) Oscar Leal, espalhando por todos os lados a sua boa prosa de bom literato.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 28 maio 1893, a. 69, n. 120, p.2-3.

#####

#### COISAS DO ARCO DA VELHA

Até o dia 5 do próximo mês, surgirá à luz da publicidade um interessante livro de sortes (...).

O aludido livro, ao qual desde já auguramos grande aceitação é enriquecido com a colaboração de (...) Oscar Leal (...).

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 30 maio 1893, a. 69, n. 121, p.2.

#####

A União Comercial findou a última semana com uma belíssima e atraente festa, que constituiu para seus sócios e convidados uma noite bela e agradabilíssima como um sonho de fadas.

Nada ali faltou para complemento de uma festa de tal natureza... nem mesmo a prosa atraente do Oscar Leal, que lá esteve a passear pelos salões a

atender ao *cavaco* de todos os grupos, ao mesmo tempo que não se esquecia de figurar no quadro dos *lanceiros*.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 13 jun. 1893, a. 69, n. 132, p.2.

#####

## ANÚNCIO

O Dr. Oscar Leal, formado pelas Faculdades de Paris, Lisboa e Bahia, recentemente chegado da Europa, abriu o seu gabinete à Rua do Barão da Vitória, nº. 37, 1º andar.

Dentaduras com e sem chapa, novo sistema do afamado dentista parisiense Dr. Classier.

Obturações e ourificações garantidas.

Tratamento de fistulas, abcessos, etc.

Extrações sem dor. Operações aos pobres grátis.

Telefone 477.

JORNAL DO RECIFE. Recife, 8 jul. 1893, a. 36, n. 152, p. 4.

#####

## FESTA ÍNTIMA

No dia 19 do corrente, por ocasião do aniversário do nosso amigo e simpático colaborador, Dr. Oscar Leal, foi por este oferecido aos seus amigos íntimos um modesto jantar nas *Refeições Gomes*.

*Au dessert* foram trocados muitos entusiásticos brindes dos convidados a Oscar Leal e deste aos seus amigos A. Venâncio Filho, Manoel Arão, Demóstenes de Olinda, Alberto Miranda, Dr. João Joaquim Salgado e Machado Dias.

O nosso aludido colaborador recebeu durante o dia, em casa de sua residência, as felicitações do seus amigos e diversos mimos de valor.

JORNAL DO DOMINGO. Recife, 23 jul. 1893, a. 1, n. 2, p. 3.

#####

## CRÔNICA DA SEMANA

(...) Houve baile-aniversário na Juventude, corrida extraordinária no Derby que arrastou meio mundo da fina flor do pelintrismo pernambucano, como diria o meu amigo Oscar Leal, houve espetáculos de gala lá pela Santa Isabel, sarau pela União Comercial, e de nada posso dar notícia.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 20 ago. 1893, a. 69, n. 188, p.3.

#####

## OSCAR LEAL

Pede desculpa aos seus clientes por ter estado ausente de seu gabinete dentário durante os últimos dias, participando que é de agora avante novamente encontrado no mesmo das 9 da manhã às 5 da tarde, à Rua do Barão da Vitória nº. 37, 1º andar, e reside com sua família no 2º andar do mesmo prédio, onde recebe avisos pelo telefone 477.

Diretamente da Casa de Samuel White de New York acaba de receber novos aparelhos que facilitam inúmeras vantagens aos seus clientes.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 8 set. 1893, a. 69, n. 204, p. 3.

#####

## DENTISTA

O Dr. Oscar Leal, dentista pelas Faculdades de Paris, Lisboa e Bahia, continua em seu consultório, das 9 da manhã às 5 da tarde, à Rua Barão da Vitória, nº. 37, 1º andar.

Coloca dentaduras pelos melhores sistemas para a perfeita mastigação dos alimentos.

Obturações e extrações sem dor. Tratamento radical de fistulas, abcessos e moléstias da boca, etc. Aparelhos para todas as operações dentárias.

Consultório dentário de primeira ordem

Telefone 477.

JORNAL DO RECIFE. Recife, 1º out. 1893, a. 36, n. 223, p. 3.; e DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 12 jan. 1893, a. 69, n. 9, p. 4; 6 abr. 1893, a. 69, n. 76, p. 4; e 12 out. 1893, a. 69, n. 232, p. 4.

#####

DR. OSCAR LEAL

No Estado [do Pernambuco] consorciou-se no dia 2 do passado o distinto escritor, Sr. Dr. Oscar Leal, com a Exma. jovem Ana Carlota do Rego Barros.

Fazendo ardentes votos pela felicidade do novo par, agradecemos a participação que nos enviou.

ECO DO SUL. Rio Grande, 28 out. 1893, a. 40, n. 230, p. 2.

#####

DENTISTAS

(...) Oscar Leal, Dr. dentista pelas Faculdades de Paris, Lisboa e Bahia – Rua do Barão da Vitória, nº. 37.

ALMANAQUE Administrativo, Mercantil, Agrícola e Industrial do Estado de Pernambuco para 1894. Recife, 1894, a. 2, p. 286.

#####

### GABINETE DENTÁRIO – RUA NOVA, 37

São convidadas as pessoas que encomendaram trabalhos de prótese dentária neste consultório durante o ano findo, o favor de ali comparecerem no prazo de quinze dias, passado o qual não se atenda reclamação de espécie alguma. Ficam perdoadas as pessoas que durante o ano não se dignaram mandar satisfazer os seus débitos.

O Dr. Oscar Leal declara nada dever nesta praça, no entanto, se alguém se julgar devidamente seu credor, poderá apresentar-se no mesmo prazo que será pago imediatamente.

Recife, – 3 – 1 - 94

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 3 jan. 1894, a. 70, n. 1, p. 4.

#####

### CONTOS DO MEU TEMPO

Sendo presente à Academia Real de Ciências de Lisboa essa obra de produção do Sr. Dr. Oscar Leal, o respectivo presidente ordenou ao secretário da mesma academia, conselheiro Manoel Pinheiro Chagas, a fim de transmitir ao autor os seus cumprimentos.

Da mesma gentileza têm usado para com o autor diversos escritores portugueses.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 28 jan. 1894, a. 70, n. 22, p. 2.

#####

### GABINETE DENTÁRIO

O Dr. Oscar Leal tendo de retirar-se por algum tempo deste estado em recreativa excursão, previne aos seus clientes e amigos de que fechará brevemente o seu gabinete cirúrgico-dentário e declara novamente que nada deve nesta praça.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 30 jan. 1894, a. 70, n. 23, p. 4.

#####

### DR. OSCAR LEAL

A bordo do vapor *Manaus* seguiu ontem com destino ao norte do país, o Sr. Dr. Oscar Leal, cirurgião-dentista e conhecido escritor brasileiro que há tempo achava-se de residência firmada nesta capital, em exercício de sua profissão.

Sumamente gratos à sua visita de despedida, desejamos que bons ventos o conduzam ao seu destino.

## UMA FINEZA

Cultor das letras e amante da imprensa, ao retirar-se desta capital, o Sr. Dr. Oscar Leal teve a gentileza para conosco de dirigir-nos esse cartão, depois de ter-nos obsequiado com a sua visita pessoal de despedida:

“Oscar Leal retira-se de Pernambuco e querendo também dar à redação do *Diário* uma pequena prova de gratidão, toma a liberdade por seu intermédio de oferecer a quantia inclusa de 20\$000 ao tipógrafo dessa folha que mais a mereça, como bem entender a fim de tomar um copo de cerveja, e pede-lhe desculpa da lembrança.”

De acordo com o desejo do Sr. Dr. Oscar Leal, e tendo atenção ao merecimento reconhecido mesmo e geralmente pelos seus dignos companheiros de trabalho e arte, deferimos a oferta ao Sr. João Paulo de Almeida, que por seu turno e dando prova da justeza de sua preferência, fez cessão de 10\$000, repartidamente, às Sras. Cadaval e João Alves, viúvas de artistas tipógrafos.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 10 fev. 1894, a. 70, n. 32, p. 2.

#####

## PARA O NORTE

Seguiu, no paquete nacional *Olinda*, o Sr. Dr. Oscar Leal, que nos dirigiu o seu cartão de despedida.

Boa viagem.

JORNAL DO RECIFE. Recife, 10 fev. 1894, a. 37, n. 32, p. 2.

#####

## OSCAR LEAL

Retirando-se deste estado, despede-se saudosamente dos seus clientes e pessoas de suas relações, e pede desculpa de o não ter feito pessoalmente de todos por falta de tempo.

JORNAL DO RECIFE. Recife, 10 fev. 1894, a. 37, n. 32, p. 3.; e DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 10 fev. 1894, a. 70, n. 32, p. 4.

#####

## DR. OSCAR LEAL

Recebemos ontem a amável visita do ilustrado Dr. Oscar Leal, autor de várias e apreciadas obras, destacando-se entre elas a *Viagem às terras goianas*, acerca da qual o eminent publicista português Pinheiro Chagas externou os mais lisonjeiros e honrosos conceitos.

Agradecemos ao Dr. Leal a sua fineza.

CORREIO PARAENSE, Belém, 18 fev. 1894, a. 3, n. 528, p. 2.

#####

Seguiu ontem para Iquitos em viagem do recreio o ilustrado escritor Dr. Oscar Leal.

CORREIO PARAENSE, Belém, 25 fev. 1894, a. 3, n. 534, p. 2.

#####

#### OSCAR LEAL

No vapor *Princesa Isabel*, chegando anteontem de Belém, veio acompanhado de sua Exma. esposa, o conhecido e incansável escritor brasileiro cujo nome encima esta local.

Poucas horas depois de sua chegada, surpreendeu-nos o Dr. Oscar Leal com sua visita, deliciando-nos por alguns momentos com amena e agradável palestra.

O ilustre brasileiro tenciona ir até Iquitos, voltando depois a esta capital, onde abrirá seu consultório, demorando-se algum tempo entre nós.

A viagem do festejado homem de letras tem por fim colher dados para uma nova obra sobre os sertões amazônicos.

Agradecemos a gentileza com que nos distinguiu.

DIÁRIO DE MANAUS. Manaus, 4 mar. 1894, a. 4, n. 194, p. 1.

#####

DR. OSCAR LEAL

Este ilustrado compatriota nosso enviou-nos ontem seu cartão de despedida, acompanhado de um exemplar de sua obra denominada *Viagem às terras goianas*. Mas despaço emitiremos a nossa fraca opinião sobre o mérito desta obra.

Sinceramente agradecemos a gentileza da despedida e da oferta com que nos honrou o Sr. Dr. Oscar Leal, que segue para Iquitos.

DIÁRIO DE MANAUS. Manaus, 6 mar. 1894, a. 4, n. 195, p. 1.

#####

(...) cumpre-me avisar ao público que brevemente verá estampada na primeira página desta folha a lindíssima vista do mesmo jardim, cuja chapa foi um delicado presente do Sr. Dr. Oscar Leal à redação de *O Mato Grosso*.

O MATO GROSSO. Cuiabá, 1º abr. 1894, a. 16, n. 750, p. 2.

#####

## AMAZONAS

O Sr. Oscar Leal publicou um trabalho sobre a viagem psicológica natural do homem americano.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 21 ago. 1894, a. 14, n. 3.584, p. 1.

#####

O cirurgião-dentista Oscar Leal está trabalhando em Manaus.

DIÁRIO DO MARANHÃO. São Luís, 27 ago. 1894, a. 25, n. 6.293, p. 2.

#####

Acha-se entre nós o conceituado cirurgião-dentista Dr. Oscar Leal, que pretende seguir para o Ceará no próximo paquete, acompanhado à sua Exma. consorte que está enferma.

Cumprimentamo-lo.

PACOTILHA. São Luís, 3 set. 1894, a. 14, n. 209, p. 2.

#####

## NOTÍCIAS DE PORTUGAL

Partiu para a Ilha da Madeira o escritor brasileiro Dr. Oscar Leal, que há pouco fizera uma conferência sobre Amazonas.

A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 16-17 dez. 1894, a. 1, n. 91, p. 2.

#####

## CARTA CURIOSA

(...) Tome nota, *amigo*. – Tenho muita honra em ser português, e orgulhando-me disto faço o mesmo que faz o ilustre escritor e redator-chefe da *Madruga*, Oscar Leal, que, em Lisboa, como eu aqui, muito se honra e orgulha de ser brasileiro. (...)

A ARTE. Curitiba, 15 jan. 1895, a. 1, n. 2, p. 57.

#####

Vai ser agraciado pelo governo português com o título de barão, o conhecido escritor brasileiro Oscar Leal, que aqui esteve durante algum tempo e atualmente redige a *Madrugada*.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 30 mar. 1895, a. 14, n. 3.840, p. 1.

#####

## DR. OSCAR LEAL

O nosso ilustre patrício Dr. Oscar Leal, redator-chefe da *Madrugada*, de Lisboa, recusou o título de barão de Menezacre, que com insistência lhe foi oferecido pelo governo português, e que o faria perder os seus direitos de cidadão brasileiro.

Muito nobre o procedimento do nosso digno compatriota.

A REPÚBLICA. Curitiba, 9 abr. 1895, a. 10, n. 82, p. 1.

#####

## OSCAR LEAL

O escritor brasileiro Oscar Leal, residente em Lisboa, vai ser agraciado com o título de barão, pelo rei D. Carlos, de Portugal.

REPÚBLICA. Florianópolis, 11 abr. 1895, a. 6, n. 85, p. 1.

#####

(...) Houve ontem seção ordinária no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Presidiu o Dr. Carlos Reis, em falta dos Drs. presidente e vice-dito.

Foram propostos para sócios correspondentes desta útil associação diversos cavalheiros distintos e entre eles os Drs. Ernesto Goulart Penteado, Oscar Leal e Joaquim Rawd.

SANTOS COMERCIAL. Santos, 10 maio 1895, a. 2, n. 221, p. 1.

#####

#### LIVRO DA PORTA

(...) Temos que acusar a obsequiosa oferta do seguinte: (...)

Juízo crítico da imprensa portuguesa sobre a obra de Oscar Leal *Viagem a um país de selvagens*, por A. Lopes Carqueja.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, jun. 1895, a. 20, n. 687, p. 7.

#####

#### AO EXMO. SR. DIRETOR GERAL DOS CORREIOS E AO PÚBLICO

No *Amazonas Comercial*, de 18 do corrente, encontrei uma publicação do Sr. Oscar Leal, denunciando a falta de recebimento de uma encomenda e de correspondências que lhe eram destinadas.

Felizmente, além do documento, que abaixo público, que vem tirar-me a responsabilidade dessa falta, é o próprio Sr. Oscar Leal, que se encarrega de declarar que constituiu aqui seu procurador, para tal fim, o Sr. E. Alfredo de Araújo.

Compreendendo os meus deveres, como administrador dos correios desta cidade, pelo que exigi esse salvo-conduto, à futura e qualquer contestação a

respeito, e portanto, o Sr. Oscar, deveria, por sua vez, obrigar-se de qualquer falta cometida por seu procurador, exigindo a retirada de sua autorização, a fim de que eu não entregasse o que lhe pertencia ao Sr. Araújo.

Apesar de estar esta autorização, em vigor, em pé, todavia pela publicação feita é que sei que tem a retirado do Sr. Araújo.

Ninguém por certo deixará de ver que procedi corretamente, e que não sendo retirada essa declaração não podia preterir artigos de jornais, tanto mais quando publicados no estrangeiro.

Faço justiça à ilustrada redação do jornal a *Madrugada* de Lisboa a quem farei remessa deste meu pequeno artigo, que fazendo-me a acusação injusta, talvez por mal informado, retirará esse juízo que tem feito a meu respeito.

Quanto ao Sr. Oscar só tenho a dizer-lhe que não estou acostumado às tricas de gazeteiro e que S. S. deve zelar os créditos de seus semelhantes e com especialidade daqueles que só sabem que S. S. vive quando lê sua assinatura.

Manaus, 19 de dezembro de 1895.

O administrador dos Correios.

Raimundo de C. Pires.

A FEDERAÇÃO. Manaus, 21 dez. 1895, a. 2, n. 350, p. 3.

#####

## CARTAS DE UM LAVRADOR

Sr. Redator

De cima do morro de S. Jerônimo, no mesmo lugar onde outrora descobriu o Dr. Oscar Leal o *micróbio* chamado *gafanhoto*, é que escrevo hoje esta carta. (...)

Chapada, 21 de janeiro de 1896.

Vosso sempre,

Thomé Vero

O REPUBLICANO. Cuiabá, 26 jan. 1896, a. 1, n. 22, p. 4.

#####

## DIVERSAS NOTÍCIAS

(...) Foi ultimamente eleito sócio da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, o nosso ilustre patrício Sr. Oscar Leal, residente em Lisboa e diretor de *A Madrugada*, apreciado jornal dessa capital.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias, 17 out. 1896, a. 2, n. 51, p. 3.

#####

## EXTERIOR – EUROPA - PORTUGAL

Chegou a Lisboa, vindo da Madeira, o distinto escritor brasileiro Sr. Oscar Leal, fez há pouco tempo uma viagem de estudo pela África ocidental portuguesa, devendo dentre em pouco publicar um livro a respeito daquela nossa colônia.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 27 abr. 1898, a. 74, n. 92, p. 2.

#####

## “GIL BRÁS”

Tivemos a honra de receber o n. 2 do *Gil Brás*, quinzenário ilustrado de música, literatura, crítica, teatros, touros e esporte, que se publica em Lisboa, sob a inteligente direção de Joaquim Vieira Júnior.

O número que temos sobre a mesa traz na primeira página o retrato de Oscar Leal, homem de letras, brasileiro cujo belo talento é apreciado com justiça em artigo firmado pela eminente escritora Guiomar Torresão. Traz boa prosa e bons versos: é uma excelente revista.

A REPÚBLICA. Curitiba, 15 jun. 1898, a. 13, n. 129, p. 1.

#####

## GIL BRÁS

Quinzenário ilustrado de música, literatura, crítica, teatros, touros e esporte. – Redator, Vieira Júnior, Lisboa. Recebemos os números 1, 2 e 3, trazendo os retratos de M. Mesquita, Eleonora Duze, Vasco da Gama e Oscar Leal, o artista novele, outras diferentes celebridades portuguesas e estrangeiras. – Cada número é acompanhado de um suplemento musical.

REVISTA MODERNA. Rio de Janeiro, 10 jul. 1898, a. 2, n. 21, p. 2.

#####

Foram eleitos para a Academia Literária de Lisboa: presidente honorário, Ramalho Ortigão; presidente, Gomes Leal; vice-presidente, José Sarmento; 1º secretário, Oscar Leal; 2º secretário, Augusto Peixoto.

O JORNAL. Belém, 21 nov. 1900, a. 1, n. 64, p. 2.

#####

## ENTALAÇÕES

Oscar Leal, o autor das viagens a um país de selvagens, (o Zeca deve lembrar-se dele) disse, tratando de Cametá, que este povo ou está dormindo, ou tomado banho...

Conquanto esse celeberrimo gaiato, que aqui veio feito dentista, mentisse muito em diversos pontos da sua obra barata, neste, do banho, – não fez mais do que dizer uma verdade já conhecida.

E a prova está que depois de uma longa viagem, tive a infelicidade de aqui chegar às duas da madrugada. (...)

Timóteo Batista

O INDUSTRIAL. Cametá, 3 jan. 1901, a. 7, n. 195, p. 2.

#####

[Registro de correspondências] a que vem firmada pelo ilustrado patrício Dr. Oscar Leal, na qualidade de 1º secretário da Academia Literária de Lisboa, e da qual é presidente honorário o festejado publicista Ramalho Ortigão e presidente efetivo Gomes Leal, poeta e escritor, em que solicita dos jornalistas, escritores, editores e homens de letras em geral a remessa gratuita de quaisquer publicações, jornais, livros, revistas, etc., buscando assim estreitar as relações literárias entre Portugal e Brasil.

Seremos solícitos em corresponder ao cavalheirismo da lembrança e ambicionamos (...) à Academia um caminhar de perene prosperidade.

COMÉRCIO DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 12 set. 1900, a. 10, n. 207, p. 1.

#####

A Academia Literária de Lisboa, que conta perto de dez anos de existência e cujo objetivo principal é a propaganda e permuta literária, acaba de eleger por unanimidade para presidente da sua direção o apreciado escritor brasileiro Dr. Oscar Leal.

O COMÉRCIO. Cuiabá, 24 mar. 1910, a. 1, n. 4, suplemento.

#####

Faleceu em Lisboa o nosso patrício Dr. Oscar Leal, que ali residia há muitos anos e exercia a profissão de cirurgião-dentista.

Oscar Leal colaborou em vários jornais desta capital, tendo em Portugal redigido diversos jornais literários.

JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, 19 abr. 1910, a. 84, n. 109, p. 3.

#####

#### FALECIMENTO DE UM DENTISTA EM LISBOA

Rio, 18 – Telegrama de Lisboa, recebido aqui à tarde, traz a notícia do falecimento, naquela cidade, do Sr. Oscar Leal, dentista brasileiro.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 19 abr. 1910, a. 56, n. 16.776, p. 2.



# **COLABORAÇÕES DE OSCAR LEAL EM PERIÓDICOS BRASILEIROS**

Os estreitos vínculos que Oscar Leal desenvolvia junto à imprensa iam além da notificação de suas chegadas e partidas e das tantas atividades que desenvolvia. Logo ao adentrar a uma comunidade que contasse com atividades jornalísticas, ele tomava o cuidado de comparecer pessoalmente nos escritórios e redações, descrevendo suas áreas de atuação como odontologista, literato e estudioso. Mas ia bem além disso, fazia questão de também apresentar-se como jornalista, oferecendo-se para ingressar no rol dos colaboradores da publicação. Não era uma inverdade, pois ele vinha desenvolvendo ampla experiência tanto no campo das colaborações como também na edição de periódicos, como o fez de maneira itinerante em vários locais do Brasil, publicando folhas de natureza literária, voltada à descrição de viagens e mesmo em uma categoria científica destinada às lides odontológicas.

Nesse sentido, o escritor angariou amplo espaço em meio às páginas impressas, escrevendo para jornais de diversas das unidades administrativas brasileiras. A virada do século XIX ao XX constituiu um momento histórico no qual a ação de escrever em periódicos apresentava-se como uma função reservada àqueles que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião, de maneira que, escrever em tais meios, era uma maneira de consolidar uma autoridade, um mecanismo para publicar ideias, divulgar obras, ou ainda, defender ideologias, travar polêmicas diversas, enfim, participar

ativamente na construção da esfera pública<sup>16</sup>. Nessa linha, os publicistas aproveitavam as páginas dos periódicos para divulgar seus escritos e conquistar alguma notoriedade, ao passo que os periódicos utilizavam-se de tais articulistas para enriquecerem suas ações redacionais e buscarem uma ampliação do público leitor.

Oscar Leal esteve plenamente a contento com tal perspectiva, uma vez que se tornou conhecido em quase todo o país, como intelectual e como dentista, e trazia também algum gabarito para as folhas com as quais colaborava, por estampar escritos de “doutor”, apontado como estudioso e literato. Ele tinha um projeto de vida bem estabelecido, ou seja, realizar as suas funções profissionais, à medida que empreendia suas viagens e intentava atingir o status de naturalista, ao mesmo tempo em que, por meio de livros e artigos jornalísticos, pretendia conquistar notoriedade como homem de letras. Daí ter apresentado textos que foram amplamente publicados nos jornais brasileiros. Suas colaborações estiveram vinculadas normalmente ao formato de contos e crônicas, mas também poemas, estudos científicos e técnicos, crítica literária e artigos de opinião foram divulgados. Uma de suas especialidades voltada às narrativas de viagem também não faltou no rol de suas colaborações jornalísticas.

---

<sup>16</sup> PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 427.

Muitos dos trabalhos que Leal apresentou no seio da imprensa periódica, viriam a ser incorporados no livro *Contos do meu tempo*, editado no Recife, em 1893. Nesse caso estão inclusos “Um passeio aos Campos do Jordão”, “O cigarro”, “A herança do Cubeto”, “Sogra!”, “Os primos”, “Mulher de calças”, “Música e poesia”, “Amor e medo”, e “Manias”, além de “Cenas espíritas”, que apareceu de forma homônima e com outros títulos e de versos sem título dedicados a Virgílio Vidigal, bem como o poema “Despacho”, que no livro foi denominado de “Soneto”<sup>17</sup>. A transcrição de tais textos ganha relevância à medida que há diferenças entre os textos originais publicados nos periódicos e a versão final expressa no livro. Tais modificações são desde as de ordem extremamente pontual, como uma revisão ortográfica ou uma colocação pronominal até outras mais estruturais, com a inclusão/exclusão de expressões ou parágrafos inteiros.

Nesse sentido dentre as colaborações publicadas por Oscar Leal junto à imprensa periódica esteve “Um passeio aos Campos do Jordão”, um narrativa de viagem passada no interior paulista, em região voltada aos tratamentos terapêuticos. Outra descrição de excursões aparecia em “Rainha do sertão”, uma apresentação da localidade de Formosa, conhecida em uma das suas incursões pelo interior goiano. A crônica “O cigarro” foi um das mais divulgadas pelo autor, repetindo sua edição em periódicos diferentes, tratando-se de uma ferrenha campanha antitabagista. O poema sem título em homenagem a

---

<sup>17</sup> Tal obra de Oscar Leal é abordada em: ALVES, Francisco das Neves. *Viagens literárias: os Contos do meu tempo de Oscar Leal*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020.

Virgílio Vidigal trazia tons autobiográficos, expressando alguns dos princípios de vida fundamentais de Leal, como o cientificismo, o republicanismo e o anticlericalismo.

Outro conto era “A herança do Cubeto” que mesclava o anticlericalismo com uma história de suspense, na ambição pela posse de um joia valiosíssima. A narrativa de excursões voltava a ser o tema em “Nos Pirineus Goianos”, descrevendo um dos pontos altos do itinerário do autor pelos rincões de Goiás. Roteiro muito próximo era abordado em “Pirenópolis”, outro ponto que fez parte das viagens do escritor pelo interior goiano. “Antropogenia de Haechel” era apresentado como uma “tradução”, mas se caracterizava mais como uma resenha, na qual Oscar Leal sintetiza algumas das ideias do naturalista e biólogo alemão Ernst Haeckel. Já “Kocrikos” era um conto que mostrava a transformação de um indivíduo cétilo em um crente, que ficaria por isso conhecido como tolo e mesmo louco; o mesmo texto foi publicado em outros jornais, com os títulos “Um espírita” e “Cenas espíritas”.

Oscar Leal assumia as feições de crítico literário em “Literatura nacional”, visando a rebater a proposição pela qual a criação literária no Brasil era escassa, ainda mais se compara à portuguesa. Na colaboração “Interesses do Estado”, o escritor encarnava a figura do jornalista engajado, que buscava melhorias materiais no que tange ao transporte em uma localidade mato-grossense. Já o conto “Amor e vício” versava sobre o tema do alcoolismo, variando a abordagem entre o trágico e o jocoso, com um desenlace aparentemente feliz. “Sogra!” era uma crônica que, como tantas outras divulgadas na imprensa, contribuía com a

difamação de tal membro da família. O conto “Os primos” era carregado de crítica de costumes, censurando o casamento promovido por interesses financeiros entre um homem mais velho e uma jovem, com o invariável resultado da traição promovida junto ao primo dela. Outro conto com o qual Leal colaborou junto a jornalismo foi “Mulher de calças” que abordava um incorrigível Dom Juan recifense que acabaria passando por maus bocados na tentativa de manter sua fama de conquistador. “Música e poesia” era um conto sobre um indivíduo que se esmerava para cumprir os desejos da amada, buscando tornar-se músico ou poeta, mas terminando em resultado trágico, diante do insucesso no intento.

Mais uma vez revelando o Oscar Leal contista apareceu impresso “Amor e medo”, uma narrativa que mesclava romance e suspense em meio às florestas amazônicas, trazendo por conclusão a vitória do medo sobre o amor. “Despacho” foi outro dos pouquíssimos poemas publicados por Leal nas páginas impressas, tratando de um engano a que fora levada uma mulher, acreditando erroneamente nas intenções amorosas de seu parceiro. O conto “Manias” abordava em tom de pilhária a enorme vontade de um indivíduo tornar-se um bom orador, trazendo por conclusão o pleno insucesso. Já em “Cirurgia dentária” aparecia o Leal odontólogo, apresentando um texto técnico, com várias explicações sobre uma de suas especialidades profissionais. Já a crônica “O café”, que Oscar Leal repetiria em periódicos diferentes e voltaria a estampar na folha literária *A Madrugada*, por ele editada, tratava de uma de suas paixões de ordem gastronômica. Finalmente “As pombas de Veneza” constituía um extrato

de seus tantos relatos de viagem, traduzindo uma de suas últimas incursões a pontos turísticos do continente europeu. Tais colaborações constituem uma amostragem significativa do conjunto de escritos que Oscar Leal divulgou junto à imprensa brasileira.



## UM PASSEIO AOS CAMPOS DO JORDÃO

Nunca havíamos visitado os afamados Campos do Jordão, cujo poético nome desperta por si só o mais irresistível vontade de os conhecer.

Portanto, feliz e ditosa foi a hora em que nos decidimos a partir. A viagem, num só dia e na estação calmosa, torna-se por demais fatigante e foi justamente por isso que, deixamos a cidade de Pindamonhangaba à tarde, indo após três horas de marcha pousar na fazenda do Sr. M..., que fica justamente na raiz da serra.

O Sr. M..., moço ainda, e de excelentes qualidades, prodigalizou-nos os maiores favores e cuidados que em tais casos se tornam poderosos auxiliares para abreviar o tempo da viagem.

No dia imediato, após frugal refeição, pusemo-nos novamente a caminho.

Era essa a segunda parte da nossa viagem, e justamente a mais interessante, se não tivéssemos que caminhar durante cerca de uma hora numa estrada quase intransitável, cheia de despenhadeiros, pedregulhos e lamaçais enormes. Um caminho do inferno às portas do céu.

Apenas se acaba de galgar o alto da Serra da Mantiqueira, a temperatura muda sensivelmente. A própria natureza é outra, e o solo bastante fértil cobre-se do mais majestoso e copado arvoredo.

A água, verdadeiro líquido de cristal, aí se encontra, ora remansada e queda em algum pequeno brejo, ora inquieta e buliçosa, rolando em catadupas

dos mais elevados píncaros que possível é imaginar-se, provocando constantemente a sede aos viajantes.

Após ainda duas a três horas de marcha, interrompida unicamente por acidentes imprevistos, ou então quando parávamos para contemplar o marulhar das águas buliçosas do formoso Piracuama, não tardamos a chegar à povoação de Santo Antônio do Pinhal, onde, deixando à esquerda a estrada que segue para S. Bento, nos dirigimos, pela da direita, para os Campos do Jordão, onde chegamos quase à boca da noite.

Oh! sublime contraste da natureza. Como é doce, tão livremente aspirar um ambiente impregnado do grato aroma das flores campestres?!

É aí que poetas melancólicos e descrentes da vida, como Casemiro de Abreu e outros, poderiam ir, sem temor de que ninguém os escutasse, desabafar os seus prantos e aliviar as mágoas que os torturavam.

É aí que o espectador vê desenrolar-se, como por encanto, o mais sublime e original panorama que se possa idear. Milhares de pinheiros se elevam majestosos nos amenos vales ou profundas grotas e se divisam separadamente por uma superfície de mais de quinze léguas de extensão. Gramíneas e urzes bravas se perdem de vista nas mais pequenas elevações, onde alegres e fugitivos bandos de maitacas, papagaios, tucanos, periquitos e uma infinidade de outras aves passam velozes, animando essas alturas.

Mas no aprazível alto chamado da Boa Vista, é que se descortinam as cenas mais deslumbrantes e de onde se destacam os pontos mais culminantes,

tais como a grande pedra do Baú e o planalto de Itapeva. Retiros diversos se veem espalhados aqui e acolá, aformoseando ainda mais esses campos nativos e originais. Rebanhos de vacas de leite pastam tranquilamente nas margens de pequenos rios. Ao longe, à distância, está a pequena povoação de Imberi, onde existe a hospitaleira casa do Sr. Matheus Pinto, cavalheiro distintíssimo e proprietário de uma grande parte desses terrenos, que outrora pertenciam a um tal Jordão, de onde tiraram o nome.

Está a povoação de Imberi cerca de 1.500 metros acima do nível do mar, se bem que a 2000 talvez atinjam vários outros pontos bem próximos. A viração sudoeste que aí sopra constantemente não deixa que pessoa alguma experimente calor, até mesmo na maior força do sol.

Os moradores dos Campos do Jordão são, na maior parte, pessoas doentes, notando-se entre elas não poucas afetadas de moléstias distróficas de tuberculose e de tísica em geral.

A influência profilática deste clima é tão benéfica, que todos aqueles que se acham predispostos à tuberculose, (segundo várias considerações que temos ouvido) nele encontram o mais poderoso lenitivo ou paradeiro de seus males.

É a essa atmosfera seca, a esse ambiente inebriante que se respira e ao leite puríssimo que aí abunda, que muitas pessoas devem a recobrada saúde.

O clima dos Campos do Jordão, ainda um pouco desconhecido daqueles residentes fora do Estado de S. Paulo, é o melhor do Brasil, talvez, para a cura completa e radical de qualquer começo de moléstias do peito.

Médicos como os Drs. Luiz Pereira Barreto, Clemente Ferreira, Francisco Romero têm escrito e falado circunstancialmente sobre a eficácia de tão benéfico clima.

Do primeiro veja o leitor estas linhas:

"A estação sanitária dos Campos do Jordão é um magnífico salvatério para os doentes, e uma inestimável solução para todos os casos difíceis em que a consciência do médico sevê em torturas."

Foi tal a impressão que sentimos durante os poucos dias que estivemos nos Campos do Jordão, que jamais nos podemos olvidar do seu clima ideal e da sua posição poética e pitoresca.

Havíamo-nos levantado cedo. A aurora principiava a bruxulear no horizonte; o céu pressagiava um belo dia, e nós partimos, contemplando em silêncio as sublimidades da natureza.

Oscar Leal.

(Da *Folha Nova*)

MUNICÍPIO DE ARARAQUARA. Araraquara, 17 fev. 1884, a. 3, n. 136, p. 2-3.

#####

## RAINHA DO SERTÃO

A cidade de Formosa, outrora Vila dos Couros, é na realidade o mais lindo ponto da Província de Goiás.

Dista da capital cerca de sessenta e cinco léguas e de Uberaba, cem.

Na Formosa o viajante vê-se preso de irresistível satisfação ao visitá-la e terrível saudade ao deixá-la.

Segundo vários cálculos está perto de mil metros acima do nível do mar.

A influência profilática de seu clima é tão benéfica que, como poderoso salvatério, torna-se uma vantagem àqueles que recorrem a ele para lenitivo de seus sofrimentos.

Lugar novo e florescente, a bela cidadezinha sertaneja virá dentro em pouco a chamar-se a *Rainha do Sertão*.

O seu comércio, bastante superior ao de outros da província, melhora consideravelmente de dia para dia.

Nas imediações da pequena cidade, existem sítios bastante atraentes e aprazíveis.

A extensa Lagoa *Feia*, que por feia é lindíssima, torna-se um *logradouro* público oferecido pela natureza a essa encantadora cidade.

Plantas aquáticas e de estranhas formas e qualidades, ora cobrindo a superfície em pequenas moitas, como canteiros de um jardim, ora mesmo

sumindo-se no fundo do lago, atraem a atenção dos visitantes que, em frágeis canoinhas de um só remo, à moda indiana, contemplam preguiçosamente tão numerosas sublimidades.

A natureza é aí simplesmente um portento!

No alto da serra, distante uma léguia da cidade, descortina-se então o mais original e medonho panorama que possa idear.

Aí a vista some-se no azul esmaltado do temível vânio do Paraná. Parece que na extensão de muitas léguas, a terra cedeu e aprofundou-se, formando um grande declive, onde o homem branco não pode viver.

As próprias plantas, segundo nos dizem, são de novas espécies e julga-se que alguns pontos acham-se abaixo do nível do mar.

A flora deveria, com especialidade nestes sítios, ser estudada e visitada por todos aqueles que, a bem da ciência, não temem perigos de qualidade alguma.

Há mesmo certa época do ano nas quais as sezões e febres de mau caráter que aí abundam; não são de assustar. É então que os boiadeiros mais atrevidos e corajosos, na esperança de melhores comprar, lá vão negociar.

Da Formosa a natureza, como que para maior realce, dotou o belo sexo com todos os requisitos necessário de beleza e simplicidade.

O sexo feio, porém, é feio a valer: – barbado e papudo como não há exemplo! Mas *é para inglês ver*.

Na cidade há ainda um pequeno número de homens mais ou menos ilustrados que, honra lhes seja feita, são de uma amabilidade a toda prova.

Da *formosa Rainha do Sertão*, só conservo saudades e recordações. Darei, porém tempo ao tempo, – na esperança de ainda no futuro passar alguns dias de minha vida nessa poética cidade, situada justamente no centro do meu país.

Oscar Leal

Uberaba – 1885.

O VOLITIVO. Uberaba, 3 maio 1885, a. 2, n. 40, p. 3.

#####

## O CIGARRO

O cigarro!

Eis aí um objeto que mereceria, pela sua parte prática, ser analisado suficientemente e cuja análise passasse como ele, pelas memórias de todos aqueles que empregam o seu uso.

O cigarro tem passado até nossos dias por variados períodos de modas e transformações.

A arte tem o aperfeiçoado extraordinariamente e é por isso que vemos fumos preparados por centenas de sistemas.

Os negros e caipiras preferem o fumo cheiroso e gordurento e como provas apresentamos ao leitor um caso que demonstra a veracidade do que fica dito.

Uma vez, não com pouco espanto, vimos que um taverneiro de roça não podendo encontrar fregueses para o sortimento de fumo que tinha em depósito, o fez ferver dentro de um tacho juntamente com certa quantidade de aguardente, melado e outros ingredientes, a fim de o tornar, segundo ele mesmo dizia, mais agradável ao especial gosto da freguesia!

O cigarro serve muitas vezes para ajuda de uma apresentação ou de uma despedida. Quando um sujeito é desconhecido numa roda, faz sempre dele uso e com bom resultado. Primeiro os cumprimentos, depois a oferta a qual dá ao

novo circunstante ares de pessoa amável, e que deseja, sobretudo, entabular também conversação.

Um *cometa* (com são em geral conhecidos os cobradores no Brasil), é que sabe perfeitamente o valor que tem a oferta de um cigarro ao freguês, quando lhe entra pelas portas a dentro.

As primeiras frases são quase sempre estas, mais ou menos, trocadas entre um e outro:

- Bom dia, (ou boa tarde), como passou?
- Bem, obrigado.
- Então está cá pela terra, hein?

– É verdade, cheguei há pouco. Quer um cigarro? Ambos lançam lume aos ditos e depois é que principia a obra.

O cigarro é o companheiro inseparável do homem quando viaja, do artista quando trabalha, do filósofo quando medita, do poeta quando cisma, e finalmente do infeliz encarcerado, que muitas vezes nele encontra o único lenitivo para seus sofrimentos.

Se bem que, todavia, ele seja uma magnífica distração, é em geral o *curare* que impeçonha a humanidade livremente.

Quantos incêndios se não originam por pontas de cigarros de fumantes descuidados?

Quantas pessoas sofrem e padecem, por fazerem uso e abuso do cigarro?

Entretanto no nosso país a liberdade de fumar é notória.

É um vício que acompanha o homem quase desde o berço até o túmulo. Mas oh! vício peçonhento, incômodo e atrevido, que o presente te esqueça, e o futuro nem se lembre de ti!

Quantos pais temos visto, que acham imensa graça em ver os nhonhôs ainda há pouco fora dos cueiros, já de cigarrinho na boca?!

Entretanto é considerado como abuso ou falta de respeito um rapaz fumar na presença do autor de seus dias.

Depois que Colombo descobriu o Novo Mundo, é que o cigarro entrou em moda e uso na velha Europa, com o sinistro fim de amortalhar a humanidade.

Foi um condenado por nome *Nicot*, quem para aí levou, entrando em Portugal no ano de 1560.

Em vários jornais dos Estados Unidos apareceu há tempos uma proibição formal dirigida aos Srs. negociantes, de não venderem fumos, sob pena de multas, a menores de 18 anos. Julgamos, porém, que tal ordem jamais poderá seguir os desejados efeitos, pelos meios ao alcance que tem a mocidade de conseguir havê-lo quando desejar.

Assim é que finalmente nas horas de ócio tanto se delicia o diplomata, recostado em vistosos divãs, fumando um havana de lei, como o mais humilde

plebeu se regozija nas espeluncas e cloacas públicas em que vive, tragando as espessas fumaças de um charuto de vintém!

Oscar Leal

FAROL. Juiz de Fora, 28 out. 1884, a. 18, n. 121, p. 2.; ARAUTO DE MINAS. São João D'El Rei, 20 dez. 1884, a. 8, n. 33, p. 3.; O CACHOEIRANO. Cachoeiro do Itapemirim, 20 set. 1885, a. 8, n. 38, p. 2.; e JORNAL DO RECIFE. Recife, 12 mar. 1893, a. 36, n. 58, p. 2.

#####

## A VIRGÍLIO VIDIGAL

Eu não gosto de ver o santo jesuitismo  
Trancar o mundo no obscurantismo;  
Não posso tolerar que gente estulta  
Em busca de títulos e nomeadas  
Seja amiga das testas coroadas.

Quero o realismo, estudo o Conte,  
De livros asnáticos faço um monte  
Cuja leitura a ciência insulta,  
Calco-os no olvido, no esquecimento  
E quem o não faz, eu o lamento.

Se a sorte do poeta sempre é triste,  
É porque dentro de tal peito só existe  
Um coração que em mágoas transparece,  
Que fique com nossos avós o idealismo  
E herde de nós, nossa prole, o realismo.

Eu bem creio que só Romeu ganhasse a palma  
De amores que depois interpretou o Talma  
Por entre os sigilos que um poeta não esquece  
Mas estas revoluções, multiplicam aí  
E somem-se as lições de nossos pais.

Ah gosto dos gênios que se ostentam,  
Dos heróis que a Gutenberg ornamentam

Sobre os firmes músculos da ciência,  
Gosto de ver um poeta surgir do acaso  
E entregar-se às delícias do Parnaso.

Sigamos pois os passos de Meluco,  
Embora venha o sinônimo de maluco  
Perturbar quem cultiva a inteligência,  
E aceite, pois, meu poeta *Vidiga!*  
As linhas que lhe oferece

Oscar Leal

O CACHOEIRANO. Cachoeiro do Itapemirim, 11 out. 1885, a. 8, n. 41, p. 3.

#####

## A HERANÇA DO CUBETO

Padre Berry foi um missionário jesuíta que penetrou na América com o fim de entrar na catequese dos índios, segundo reza a história.

Este jesuíta tinha a cabeça de forma oblonga, a cara inteiramente no corte da navalha, a testa alta e a tez corada. O nariz adunco, fendia no fim da venta esquerda. As faces eram chatas, o rosto oval e o pescoço rechonchudo conservando um ar particular junto à nuca.

No mais não passava do que era e eis aí a sua fotografia em poucas palavras e sem retoques, con quanto seja-nos impossível certificar a pátria, podemos, contudo, garantir ser europeu.

Viera para o Brasil com outros companheiros e a título de civilização, penetraram nos mais longínquos sertões de Goiás e Mato Grosso, cujo fim principal era apossarem-se dos tesouros naturais, que só por esse meio poderiam descobrir, a fim de enriquecer a sua companhia.

Ouro e pedras finas eis o que buscavam.

Estes maganões, como é sabido, só ambicionam a riqueza, aparentando, entretanto, a mais viva modéstia. Moldam o povo a seu jeito, pretendem dominar, conquistar, e mais tarde desfrutar o que perante a sociedade só lhes é lícito fazer à sombra dos macarrônicos latins, excelente alçapão para a classe ignorante, *per faz, ac fidem decepti*.

E todos esses valores têm sido empregados em puras inutilidades, criadas para o mais perverso de todos os fins, aguardando que o povo se encarregue totalmente de as eliminar.

Berry, o homem do legendário capuz, tinha por camarada e companheiro um índio da tribo dos carajás, nas margens do Araguaia; único que podia compreendê-lo e tornar-se o tanque de seus sigilos.

Depois de muitos anos gastos em explorações sem fim mais seus companheiros, Berry viu-se por final longe deles e só o fiel índio estava na sua companhia, em ocasião que atravessava os inóspitos sertões de Mato Grosso e Goiás até que o acaso deu consigo nas margens do Parnaíba, nas divisas de Minas com aquela última província.

Uma vez ali, buscou a Bagagem, ponto então muito procurado pelos garimpeiros e para passar o tempo talvez com lucrativo resultado entregou-se às práticas religiosas.

Era por uma noite quente do mês de dezembro que o vamos encontrar a sós no seu aposento, embriagado pelo álcool refletivo.

Há quase trinta anos que estava na América, vivendo embora muitas vezes com regalia, mas longe do grande mundo, fora da terra que lhe serviu de berço, e agora sozinho como um cão leproso, servindo de risota aos garotos, de hoje e entregue, é verdade, à mais doce tranquilidade sem contudo gozar como dantes e cheio de vida que se achava. Nestes últimos anos temerosa desdita o seguia.

Fora ao princípio pródigo em suas felizes empresas, eis portanto, do que se tinha que queixar.

De repente, levando uma mão aos cabelos levantou-se, caminhando em direção a uma janela, talvez para observar o estado atmosférico.

Leve bater em uma porta o deteve e logo viu na sua frente o índio, que lhe avisou de alguém esperá-lo no aposento próximo.

– Quem será esse importuno, a estas horas – e sem se fazer esperar para lá se dirigiu.

– Não me enganei, voltou ainda entre dentes vendo que a pessoa que o procurava, era um negro trajando calças de riscado e camisa de algodão, com um chapéu de palha à escura debaixo do braço. – Que desejas tu meu rapaz!

– Confessar, sim senhor, respondeu o preto prontamente.

– Às nove horas da noite! Dar-se-á caso que estejas em véspera de te despedires do mundo!

E como súbita ideia o fizesse mudar de pensar, tornou-lhe paulatinamente. – Pois bem, escutar-te-ei em nome de Deus.

E fazendo-o ajoelhar sentou-se num mocho em sua frente, mandando-o em seguida rezar e fazer o pelo sinal.

O negro obedeceu.

O padre Berry, porém, ávido de curiosidade, pô-lo imediatamente em confissão plena de seus pecados.

Desta consulta resulta ser o tal preto, escravo, ter achado duas lindas pedras de diamantes, uma das quais havia já entregue a seu senhor e tomar conselho com o frade sobre que destino devia dar à segunda, visto que temia não alcançar daquele a liberdade por forma alguma. Esta segunda pedra pesava neste estado bruto trezentos e quarenta quilates, e a outra apenas duzentos e cinquenta e quatro.

O padre Berry de posse de tamanho segredo, pedira-lhe a pedra mediante certa promessa de liberdade e futuro, assim como exigia dele a maior descrição até o dia de sua volta, pois partiria sem demora para o Rio de Janeiro, onde esperava alcanças melhor preço por ela.

Tudo convencionado partiu Fr. Berry daí a dois dias em direção à Corte, mas quando chegou a Uberaba, sentiu que o seu estado lhe não permitia de prosseguir na viagem e optou pelo descanso durante alguns dias. A doença, porém, agravando-se cada vez mais, fê-lo em breve tempo exalar o último suspiro, e lá se foi o seu cadáver para o túmulo, com todos os seus projetos de ventura, talvez a realizar, depois da venda daquele famoso diamante nalguma praça europeia.

---

Tempos depois da morte do frade, correu a notícia do falecimento tanto do senhor, como o escravo, que achara as pedras, e ambos na maior penúria.

O pobre cativo esperara, cumpria a sua promessa de guardar segredo, e lá se foi também para a vala geral, como se a sorte o tivesse a ele mesmo amaldiçoado, depois de ter-lhe sido favorável.

Essa primeira pedra recebera o título de *Estrela do Sul*, e anda hoje nas mãos dos grandes mundanos.

Tem sido a varinha de condão de muita moça rica e de muito joalheiro. O seu valor é calculado em mil e quinhentos contos!

Quanto não valeria a outra?

---

O índio, único herdeiro e conhecedor daquele segredo, apossou-se da pedra que jamais devia tornar a aparecer, conservando-a como relíquia do passado e cujo valor para si era nenhum.

Vivia comodamente de alguns haveres que lhe foram destinados, recebera do vulgo a alcunha de *Cubeto*, e assim lhe foram correndo os anos, habitando um pequeno casebre no bairro dos Estados Unidos na cidade de Uberaba.

Muitos admiravam simplesmente a vida reconcentrada do *Cubeto* e outros garantiam ser ele um feiticeiro de alta monta. Os supersticiosos chegavam a afirmar que ele reunia-se todas as meias-noites em um conselho de bruxas e fantasmas, mas tudo isto não passava de vil boato.

*Cubeto* uma ocasião distraído contemplava a sua tosca herança e distraidamente, levando a famosa pedra à boca, engoliu-a, sucedendo nesse mesmo dia cair morto por um ataque apoplético.

Como ninguém adivinhasse o valor daquele corpo, levaram-no à sepultura e dentro dele se foi também o maior brilhante do mundo.

Antes assim do que se tornar mais uma vez a desgraça imanada da desgraça!

Oscar Leal

Vitória, 6 – 11 – 85.

---

Por esse tempo já havia sido construído um cemitério bem no seio da pitoresca cidade mineira.

Essa obra talvez seja em dia não remoto, aumentada a população, a causa de uma grande hecatombe, se não tratarem em tempo de remover o mal. Essa população em grande parte se abastece com a água que nasce a poucos metros de distância do cemitério, e, no entanto, a infiltração da matéria orgânica tem-se dado sempre e cremos que se continua a dar, porque muita gente é cega por teimosia e só distingue o visível do aparente, depois do desfecho fatal.

Aproveita a nossa história esse fato, porque o Cubeto ali foi sepultado e temos esperança de que um

dia revolvido esse terreno, talvez haja quem consiga descobrir o famoso amuleto e com ele o maior diamante do mundo.

A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 8 nov. 1885, a. 4, n. 937, p. 4.

#####

## NOS PIRINEUS GOIANOS

Sob aquele título encontramos da *Gazeta de Uberaba* nº. 762, de 20 de abril deste ano, a descrição dos Pirineus de Goiás, escrita pelo Dr. Oscar Leal:

Era noite, um silêncio verdadeiramente sepulcral reinava em borda do mato, ouvindo-se apenas o resfolgar dos companheiros adormecidos, à luz de um luar esplêndido, de uma noite iluminada pelas radiantes constelações do Centauro, da Águia e do Cruzeiro.

Atiçando o fogo e aumentando-lhe o combustível ao seu vermelho clarão a relva fulgurava úmida e orvalhada. Da fogueira desprendiam-se borbotões de fumo e miríades de fagulhas chamejantes voavam sumindo-se nos ares.

Eu despertava com uma fome horrível e lançando mão de um espeto de madeira fui aos alforjes de provisões e tirei um pedaço de lombo de porco, aquecendo-o ligeiro ao calor do fogo.

Um dos companheiros acabava de despertar e resmungava tiritando de frio. Era o pintor Theodoro que se espantou ao ver-me de espeto na mão aquelas horas. Bem me pareceu que vontade sentiu ele de entrar-me no bocado, mas o frio fê-lo desistir do plano e esconder de novo a cabeça nas dobras do cobertor.

Os doutores Jaime e Batista continuavam a dormir tranquilamente, estendidos sobre os baixeiros ao lume da terra. Nem uma barraca nos lembra mos de conduzir.

Depois de engolir precioso trago de conhaque, conciliei o sono e quando despertei o dia já vinha clareando as ermas cabeceiras.

As brisas matutinas começavam a desfazer o tênuo vapor branco que a noite estendera ao longo dos buritizais, elevando-se em níveos flocos sobre as copas das formosas palmáceas.

Os companheiros puseram-se de pé. Theodoro, o simpático pintor assentado sobre o tronco carcomido de uma árvore já sem seiva nem folhagem, deixava sua alma de artista expandir-se, contemplando as belezas daquelas paragens.

É que as moitas de buritis, as ervas e as flores de caraíba e resedá com os seus perfumes, a aurora vermelha e risonha e o sol nos seus primeiros raios, o cheiro penetrante da almecega, a canção do sabiá, os zumbidos dos insetos, o coaxar dos batráquios, o canto interrompido da seriema, os flancos escarpados das penedias, as mil cores, os aromas, os mil ruídos, a natureza, numa palavra, era simpatia ao seu amor próprio. Era o fundo do quadro, era a moldura dourada pelos raios do sol nascente.

Às seis horas e um quarto da manhã montamos a cavalo e seguimos em direção à base dos picos.

Os cambiantes de vegetação tornavam-se cada vez mais sensíveis onde a variação de altitude equivale à variação de latitude.

O disco do sol já se elevava bem acima do horizonte, quando nós chegamos à base do mais alto dos picos, isto é, aquele que parece ficar à direita,

a quem partindo de Pirenópolis se dirige para eles. É tal a impressão que o viajante sente ao aproximar-se desses montões de pedra que dir-se-ia ter à vista as famosas pirâmides do Egito.

A ascensão destes picos parece-me mais fácil pelo seu flanco noroeste.

A fim de começar a subir, prendi pelo cabresto o animal e parti a pé, transpondo penedos, galgando eminências e firmando-me da melhor forma possível

Subindo sempre não tardei encontrar obstáculos que vencia corajosamente e quando menos esperava, eis-me metido como numa ânsia diante de um lanço de pedra ao alto, que não pude alcançar com os pés. Dos companheiros um único me seguia a poucos passos de distância na minha retaguarda. Era o Dr. Jaime, que parecia disposto a disputar o pleito desenvolvendo toda a presteza.

E eu metido em tal encalhe!

Empregando o maior esforço consegui felizmente sair dali e galgar o abrupto rochedo, o que me custou uma queda e dois rasgões nas calças.

Continuando a subir, ora de joelhos, ora de rastos, como o mais contrito pecador, fazendo o possível de não olhar para baixo, senti-me dentro em pouco exausto de forças, cambaleante e prestes a cair ali mesmo mais morto que vivo.

Depois de alguns minutos de descanso continuei a subir ao ziguezague, agarrando-me de espaço a espaço às anfractuosidades das rochas.

Cada vez mais o espetáculo aumentava de imponência, e amplos, dilatados horizontes ficavam a descoberto.

Só depois de insano trabalho e vencendo as dificuldades que encontrava é que consegui galgar em um último degrau da rocha bruta e chegar ao cume do alteroso pico.

Passado um momento, reparei que o Dr. Vicente Batista e os demais companheiros se achavam ainda pouco acima da base, subindo com uma lentidão incrível e provavelmente chamando-me de louco por me verem já naquelas alturas.

O Dr. Jaime, esse uniu-se a mim pouco depois,

– Hurrah! Exclamou arrebatado de pé e firme como uma estátua, sem mostrar temer as comoções vertiginosas que se experimentam no local íngreme de tão alto pedestal. Então alongei a vista.

A uma banda campos e desertos salpicados em espaçosos intervalos por pequenos capões de mato ou cortados de extensas filas de buritis, em ziguezagues as sinuosidades de um ou outro córrego; a outra banda, florestas virgens, pequenos areais, morros escarpados apresentando configurações estranhas, vargedos, brejos, pântanos, lagoas, rios, cascatas, monumentos brutos como a natureza criou e conservou através do tempo na passividade orgânica da ordem universal.

Ali temos duas nascentes importantes à vista, cujas águas, con quanto vizinhas ao brotar do solo, separam-se, cada qual para seu lado, uma procurando

o sul, outra o norte, aumentando ambas de volume até tornarem-se dois caudalosos rios que são o Tocantins e o Prata. Engrossadas, uma tem o nome de Corumbá, outra de Ribeirão do Inferno, que depois de unir suas águas com as dos rios das Almas, Maranhão e Urubu, toma o nome de Tocantins, o grande tributário do Amazonas. Se quatro anos antes eu me sentia alegre por atravessar-lhe a foz entre terras paraenses, mais alegre me sentia agora por conhecer-lhe a origem em tão aspérrimas alturas.

Pirenópolis, março de 1891.

Oscar Leal.

(Da *V. às terras goianas*)

OÁSIS, Corumbá, 12 jun. 1891, a. 4, n. 173, p. 4.

#####

## PIRENÓPOLIS

É com imenso prazer que abrimos espaço nestas colunas para dar ingresso a seguinte notícia que sobre a pitoresca cidade de Pirenópolis, antiga meia-ponte, no Estado de Goiás, ofereceu-nos o distinto cavalheiro Oscar Leal, sob o expressivo título:

### A cascata da ópera

Estávamos em pleno Estado de Goiás, onde as belezas naturais são tantas que não podemos deixar de as conhecer, embora muitas vezes tivéssemos que transpor montes e vales para o conseguir.

Pirenópolis, a antiga cidade de meia-ponte, banhada pelo poético Rio das Almas, foi durante algum tempo o nosso ponto de partida para estas excursões que tanto tinham de recreativas como de instrutivas. Numa delas, quando começávamos a galgar a formosa Serra Dourada e nos dirigíamos aos seus picos, seguimos primeiramente em direção a uma cascata de que então ouvia falar mui vagamente.

Até as minas do Abade tivemos que vencer a distância de nove quilômetros apenas. A estrada ou por outra o apertado trilho que lá conduz é cheio de escabrosidades e, enfrontado com algumas informações, comecei a fazer uma ideia vaga do que nos estava reservado para mais adiante.

O Rio das Almas, depois que o transpusemos a vau, ia ficando à direita e chamava a nossa atenção o ruído das suas águas que descem escoltadas em

uma e outra margem por uma orla de penedos assombrosos, tão claros muitas vezes como o mármore.

Sempre em declive, apresenta o solo um aspecto interessante como de uma cidade em ruínas pela discordância e desordem que ali se nota cá e lá, por toda a parte, montões de pedras cujas bases assemelham-se aos alicerces de paredes desmoronadas, fazendo-nos crer em um cataclismo ali ocorrido em remotos tempos.

Nestas paragens é sensível a diferença do quadro espalhado, apresentando assim uma variedade incalculável de tons e de cores.

As lajes sobrepostas ao lume do solo, con quanto de qualidade de sinais, apresentam a mais perfeita homogeneidade, devido aos rigores do tempo.

A atenção do viajante é muitas vezes despertada, quando sabe admirar em sua nudez os prodígios da natureza.

Este terreno escabroso é coberto ora de plantas exóticas e rasteiras, ora de espessa e luxuriante vegetação enramada de viçosas parasitas e trepadeiras.

Sem talvez havermos sentido o abalo da subida, ao chouto dos animais chegamos dentro em pouco ao Abade, onde nos detivemos alguns minutos, examinando os danos e estragos ali causados dois anos antes.

Depois de curta demora, tomamos o caminho que conduz à cascata do Rio das Almas e foi entusiasmadíssimo que dela me avizinhei seguido dos Drs. Jaime, V. Batista e demais companheiros.

Descrever o que é essa admirável obra da natureza é trabalho árduo e sem dúvida superior às minhas forças.

Ao aproximar-se dela o visitante, descendo o caminho escarpado que lá conduz, estaciona em atitude de contemplação, beirando o sombrio lago, no fundo do qual, entre uma nuvem de vapor aquoso, as águas se beijam após uma queda de grande altura e formando um só lance desde o vértice até a base.

Os grandes sentimentos se expandem durante as ocasiões que se tornam solenes em face dos grandiosos espetáculos naturais no silêncio das solidões.

Dir-se-ia que o que temos à vista não é simplesmente uma tosca obra da natureza, mas sim o produto de insano trabalho, a obra de um artista colossal e eminente, tal a simetria e delicadeza de forma, que ali se nota. Uma obra completa.

As águas se despenham, como dissemos, do vértice até a base, formando um só lance até a base e vão de novo rolar mais abaixo sobre um leito de penedos gigantescos.

Depois que o viajante se avizinha do lago, o local tem a forma de um vasto anfiteatro ornado na espaçosa entrada por uma vegetação que a cobre, dando-lhe o aspecto de uma abóboda de verdura, sombria e fresca. Ao fundo, escavada na pedra bronzeada, descobre-se uma série de figuras esquisitas, produto da água que se filtra e cai lentamente pela parede abaixo.

O interior do lago, visivelmente a descoberto pela pureza do precioso líquido, apresenta-nos enorme variedade de pequenos cristais e pedrinhas de várias cores de que tratei de fazer uma coleção mais ou menos escolhida.

No cume do alcantil o sol reverberando todo o seu esplendor sobre as águas que daqui se despenham, inundava de luz aquela crista de pedra juncada de orquídeas e trepadeiras.

Apesar do ressoar das águas, ouvia-se distintamente a algazarra que faziam os periquitos e papagaios nos altos píncaros que tínhamos à vista.

Miríades de pássaros de várias qualidades batiam as asas inquietas, debruçando-se ao longo dos rochedos ou das altas ramagens e ali a poucos passos de nós, sobre o galhinho de uma caraibeira, um casal de juritis ruflava de gosto, travando luta na grande obra da procriação.

Entre estas cenas cheias de vida e de uma natureza repleta de sigilos, cada um de nós buscava um ponto de onde melhor pudesse apreciar as múltiplas belezas do pitoresco local.

Quase uma hora depois, havíamos deixado a cachoeira da ópera, como a denominei, visto que a infeliz era pagã e nem nome tinha e marginamos a pé o rio, transpondo lajes, galgando escadarias de pedra cujos degraus eram simplesmente a obra da natureza, como o eram também os muros lajeados que formavam intricado canal juncado de liquens de musgos e trepadeiras.

Bastaria um passo em falso, uma imprudência por mínima que fosse para uma pessoa resvalar e dizer adeus ao mundo.

O Dr. Vicente Batista, nosso companheiro de excursão, que não gostava nada de presenciar imprudências, temendo desastres, encheu-se de contentamento quando nos viu voltar e continuarmos com ele a viagem até a Serra Dourada, interrompida tão aproveitavelmente durante cerca de uma hora.

Oscar Leal

Pirenópolis, 1890.

(Da *V. às terras goianas*)

O MATO GROSSO. Cuiabá, 2 ago. 1891, a. 13, n. 636, p. 2.

#####

## CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES – ANTROPOGENIA DE HAECHEL (TRAD.)

O homem, no correr do seu desenvolvimento, passa por uma série de transformações espantosas.

Como nos diz Haechel na sua “Antropogenia” outrora creditava-se geralmente que o homem preexistia já no ovo (ou no útero) munido de todas as suas partes constituintes e que seu desenvolvimento não era mais do que uma sorte de dilatação, um simples efeito de crescimento. Ao contrário, a evolução embriológica, toda ela desenrola a nossos olhos uma série continua de tipos de animais diversos e extremamente diferentes pela forma e estrutura.

Quanto ao motivo pelo qual cada indivíduo humano deve passar por esta série de formas durante sua evolução embriológica, aquele autor o tem compreendido valendo-se da teoria genealógica formulada por Lamarck e Darwin. Graças a tal teoria, continua, podemos compreender que as causas mecânicas bastam para determinar o desenvolvimento do indivíduo.

Eu me limitarei, afirma Haechel, a dizer algumas palavras sobre a obscura questão da origem da vida e a responder somente ao que diz respeito à nossa concepção fundamental da evolução orgânica.

Nos limites restritos em que a circunscreve, a geração espontânea é uma hipótese necessária sem a qual não poder-se-ia conceber o começo da vida sobre a terra; ela se limita a saber como as monera se formaram graças aos compostos carbonados anorgânicos.

Como apareceram os primeiros corpos vivos sobre o nosso planeta até então puramente mineral?

Estes deveriam se formar quimicamente à custa dos compostos inorgânicos, assim como teve de aparecer esta substância complexa, contendo ao mesmo tempo o (...) e o carbono que nós chamamos protoplasma e que é a base material, constante de todas as atividades vitais. No fundo do mar em enormes profundidades vive ainda atualmente um protoplasma homogêneo e informe tão simples quanto possível: é o *bacthybius*. Nós chamamos moneras cada uma destas partículas amorfas e vivas. Elas nasceram por geração espontânea no mar.

É esta uma hipótese exigida pela necessidade inerente à razão humana, com efeito toda a história inorgânica da terra é regida por leis mecânicas e isto mesmo se dá com a história orgânica. Não há ali espaço para a menor ideia criadora, não há necessidade de invocar uma força criadora sobrenatural para compreender a origem de todos os organismos; desde então não seria absurdo fazer intuir uma ideia criadora na origem primitiva da vida sobre o nosso globo? Não obstante devemos ao menos dar deste último fato uma explicação natural.

Se a questão por demais debatida da geração espontânea nos parece hoje tão complexa, é que sob esta expressão tem-se confundido uma multidão de fenômenos estranhos e às vezes inteiramente absurdos, suceda mesma coisa quando a queremos resolver experimentalmente.

Com efeito, cada experiência negativa demonstra somente que nas condições da experiência, sempre muito (...) nenhum organismo pode provir das substâncias inorgânicas. Em todo o caso, é muito difícil demonstrar a geração espontânea por experiências e quando mesmo ainda hoje não caia moneras a cada momento por geração espontânea, o que é muito possível, a demonstração empírica do fato seria bastante árdua, talvez impossível.

Para aquele que não admite conosco a geração espontânea das moneras na origem da vida, não há mais outra alternativa do que o milagre, este é com efeito o refúgio desesperado de muitos dos nossos naturalistas que se dizem exatos, e que não hesitam fazer assim praça de sua razão.

Porém, repito, é somente pelas moneras, pelos organismos sem estrutura e sem órgãos que se nos torna forçoso admitir a hipótese de uma geração espontânea.

Todo o organismo diferenciado, todo o organismo composto de órgãos deve provir pela diferenciação de suas partes e filogeneticamente de um organismo inferior, sem importância. Assim não admitimos de modo algum a geração espontânea pela mais simples célula.

Com efeito, tão simples seja ela, toda a célula se compõe ao menos de duas partes distintas: de um núcleo interno, sólido (núcleo) e de uma membrana externa mole, protoplásica. Ora estas (...) plasma sem importância de uma monera ou de um cítodo. É precisamente porque as moneras aplanam as

dificuldades oferecidas em começo pela geração espontânea que sua história apresenta um tal interesse.

Graças às atuais moneras nós poderemos ainda hoje ver organismos sem estrutura e sem órgãos, tais como existiam na origem da vida orgânica sobre a terra.

Oscar Leal

O MATO GROSSO. Cuiabá, 27 set. 1891, a. 13, n. 644, p. 3.

#####

## KOCRIKOS

O Theodoro era um sujeito de vinte e pouco anos, alto, bem apessoado e, segundo a voz pública, inteligente e versado.

Sete anos antes ficara órfão de pai e mãe e por esse motivo abandonou os estudos, assumindo a direção da casa de negócio.

Uma ocasião convidaram-no a tomar parte numa sessão espírita e, sem refletir nas consequências, para lá se encaminhou.

A princípio riu-se e julgou mesmo ver diante de si uma súcia de loucos, incluindo a médium, uma moça formosa e bela, de gênio meigo, e que pelos seus dotes ocupava um dos melhores lugares na sociedade em que vivia. Theodoro ou o Felemon, como se fez depois apelidar, não podia crer nem admitir a existência de crentes.

A seu ver, tudo aquilo era produto de uma combinação, um meio de desfruto e nada mais. Todavia chegou a vez de, por suas próprias mãos, experimentar e invocou, como é costume, em segredo, o espírito da autora de seus dias.

Pouco a pouco com o esclarecimento obtido foi ficando vivamente perplexo e confuso

Afinal o caso tomou proporções sérias e de impressionar.

A finada respondeu-lhe que o seu espírito estava numa besta e que sofria muitíssimo pelas estradas, suportando diariamente grandes pesos e recebendo bordoada a valer e muita coisa mais, terminando por implorar a sua proteção.

Theodoro foi para casa impressionado e refletiu a noite inteira.

Nos dias seguintes, todas as bestas dos vizinhos que passavam eram por ele cuidadosamente examinadas, e nenhuma dava ares de ser a infeliz autora de seus dias.

Tendo ela falecido sete anos antes, claro estava de que a besta em que ora vivia deveria ter essa idade.

Num sábado, porém, estando a pensar nisto, sentado à porta de sua casa de negócio, eis que por uma dessas coincidências terríveis e fatais, ao passar na estrada uma tropa carregada, uma das bestas como que em busca de descanso e alívio, penetrou na loja e deitou-se junto ao balcão.

Esta besta tinha justamente sete anos de idade e nascera nos pastos de um seu irmão e vizinho!

Theodoro como louco e convencido, atirou-se a ela e no auge de uma alegria bestial, abraçou-a, gritando com grande pasmo de todos.

– Minha mãe! Tu és minha mãe!

E como sua mãe não pudesse valer pouca causa pela sorte, entregou aos arrieiros todo o dinheiro que tinha em caixa nessa ocasião, na importância de um conto e quinhentos mil réis.

Depois mandou fazer uma cocheira especial, um cabresto de prata e com uma solicitude verdadeiramente filial, principiou a tratar a besta.

A pilhária e a troça fizeram dele uma vítima em pouco tempo e por isso teve que mudar de terra, seguindo de Minas para o Jataí de Goiás há alguns anos.

Há tempos vendo aquele sujeito numa estrada abraçado ao animal perguntei ao arrieiro.

- Quem é esse homem?
- É o Theodoro – o louco.
- E aquela besta!
- Aquela besta... é a mãe dele.

A GAZETA. Cuiabá, 16 out. 1891, a. 3, n. 64, p. 2.; BISTURI. Rio Grande, 29 nov. 1891, a. 15, n. 47, p. 3. (no *Bisturi* o artigo apresentava o título “Um espírita”); JORNAL DO RECIFE. Recife, 5 mar. 1893, a. 36, n. 52, p. 2. (no *Jornal do Recife* o artigo apresentava o título “Cenas espíritas”).

#####

## LITERATURA NACIONAL

- A meu tio o Dr. Sebastião Leal, Presidente do Supremo Tribunal de Lisboa –

Pouco a pouco vão os nossos irmãos de além-mar reconhecendo que temos uma literatura nossa (ou pelo menos grosso cabedal de elementos amplamente aproveitáveis). Acabamos de ver o que a tal respeito disse numa folha portuguesa o nosso amigo L. Carqueja, e em nome de todos os brasileiros estudiosos agradeço as lisonjeiras apreciações, tanto mais por saber quão raros são os escritores portugueses que se entregam curiosamente com afano ao estudo da emulação criadora dos bons modelos, poderosos sustentáculos do gênio e dos costumes literários do português americano.

Há anos o conselheiro Pinheiro Chagas, nos seus *Ensaios críticos*, dizia: “Apesar dos muitos talentos que avultam na nossa antiga colônia americana, não se pode dizer que o Brasil possua uma literatura. Literatura nacional é aquela em que se reflete o caráter de um povo, que dá vida às suas tradições e crenças; é a harpa fremente em cujas cordas gême como um sopro a alma de uma nação com todas as dores e júbilos que através dos séculos a foram retemperando”.

Conheço muitos escritores da força de Pinheiro Chagas. Como esse há muitos que na pertinácia de escrever, pela facilidade com que empunham a pena vão dando ao papel a cópia fiel do pouco conhecimento que têm da nossa vida literária.

No Brasil lê-se quase tudo o que aparece de antigo e moderno nas vitrines das livrarias lisboetas, o que infelizmente não se dá em Portugal relativamente a nós.

É assim que em continuação o ilustrado escritor diz que não temos uma existência bastante caracterizada para que os seus incidentes, refletindo-se no espelho da literatura, possam deixar nele imagem bastante colorida e enérgica. Talvez por isso não lembra nem cita nenhum dos nossos homens de letras, ao passo que dá aos Estados Unidos do Norte e às repúblicas espanholas uma primazia nua de dados, porque lembrar o caráter apostolado do *Uncle Tom's Cabin* simplesmente não significa mais do que assinalar ou descobrir apenas uma das raízes da árvore em que floresce a literatura norte-americana.

Atualmente que a classe operária e o povo português quase em geral vive manietado, de ideias presas, sofrendo as torturas que lhe inflige a ganância de John Bull, sob a pressão e indiferença de um rei impopular, leigo de sentimentos pátrios, que desfruta pela força a ignorância de uns e o medo de outros; tinha o distinto escritor ocasião azada para como Victor Hugo, nos *Miseráveis*, traçar com a sua pena de outro a defesa dos infelizes proletários, esses escravos da cobiça e egoísmo em que se aninha o poder da nobreza de Portugal.

As modernas gerações prestariam atenção “ao clamor de Victor Hugo e ao brado de Beecher Stowe” como ao arrojo do grande prosador Pinheiro Chagas.

Seria um estudo do presente, a glória do futuro, que serviria mais uma vez para demonstrar a existência da literatura portuguesa.

Escute a voz social de D. Angelina Vidal referindo-se aos mártires da Revolução do Porto e note que é uma mulher discípula atenta tanto de madame Stael como da grande Louize Michel.

Ao capitão Leitão, ao Dr. Paes Pinto e ao Sr. João Chagas.

“Eu não venho chorar a vossa injusta sorte  
Sou portuguesa e mãe e vós não tendes crimes  
Criminoso é quem vela a liberdade à morte,  
Não vós que a defendeis, ó corações sublimes.”

É bastante.

As provas da existência de uma literatura nacional as encontrará o Sr. Pinheiro Chagas no *nativismo* fecundo do *Uruguai* de Basílio da Gama, nas *Timbiras* de Gonçalves Dias, no *Caramuru* de Durão, no lirismo social de Castro Alves, no *Guarani* de Alencar, nas obras de Bernardo Guimarães.

Leia-as o Sr. Pinheiro Chagas e quando se lembrar da *sua antiga colônia americana* dê expansão ao seu talento com menos maldade e mais civismo.

Repare também que a ex-colônia americana está dando exemplos edificantes à velha e decrépita Europa e desculpe-nos a ufania.

Oscar Leal

O MATO GROSSO. Cuiabá, 18 out. 1891, a. 13, n. 647, p. 2.

#####

## COLABORAÇÃO – INTERESSES DO ESTADO

O Coxim é uma povoação de vinte e tantas casas cobertas com telha, caiadas e trinta choças.

Acha-se colocada na margem direita do rio do mesmo nome, pouco abaixo da junção das águas deste com o Taquari. Há ali três casas de negócio, uma das quais importantíssima pertence ao coronel Antônio de Albuquerque, cidadão prestativo e bastante popular nessa paragens.

Melhorada a navegação desse rio, depois que uma empresa séria tomar a si o espinhoso encargo de o desobstruir, o Coxim terá diante de si invejável futuro e hoje mesmo, apesar das inúmeras dificuldades, todos sabem quanto é proveitosa aos criadores e fazendeiros do sul de Goiás, que em grande parte ali se surtem de sal e outros gêneros e mercadorias. A três léguas de distância do lugar há uma ponte sobre o Taquari pela qual há perto de *vinte anos* transitam carreiros e cavaleiros, cobrando-se pela passagem de cavaleiro – 500 réis e pela de cada carreiro – dez mil réis, o que é uma exorbitância e que contribui em parte para em certas ocasiões principalmente, diminuir o movimento comercial dessas paragens.

Neste sentido recebemos cartas de alguns amigos, fazendeiros e negociantes no Rio Verde e Jataí em que nos pedem para que veja se conseguimos do governo cuiabano a desapropriação dessa ponte que há longos anos tem enchido as bolsas a vários proprietários.

O governo cuiabano no nosso humilde entender deve acabar com este abuso, que também prejudica o comércio de Corumbá.

Sanadas certas dificuldades, o Coxim será dentro em poucos anos o empório comercial do sul de Goiás e o que já podia ser hoje.

Sendo esta uma questão que afeta os interesses do estado não deve o Exmo. Presidente e os senhores membros da câmara mato-grossense deixar de a ventilar para que mais tarde não se possa com justiça deixar ainda – *jus non succurrit dar dormientibus*.

Oscar Leal

O MATO GROSSO. Cuiabá, 25 out. 1891, a. 13, n. 648, p. 3.

#####

## AMOR E VÍCIO

Zé Capela é um pobre rapaz que ainda há pouco morava para os lados de Afogados e exercia a profissão de ferreiro.

A sua maior amiga é a taverna e o seu maior prazer – a bebida.

O Zé é dos tais que não comem uvas porque não bebe vinho em pílulas.

Ultimamente pensou em casar com uma mocetona de nome Claudina, filha de pais pobres mas honrados, residentes em um triste pardieiro, e metendo-se na fatiota domingueira foi todo pachola fazer-lhe o pedido.

Triste desilusão! Os pais negaram-lhe a mão da rapariga, porque ele era um *chuva*, que pouco trabalhava, que despedia tudo que tinha nas tavernas, que fosse procurar outra e que não voltasse ali mais para tal fim.

O Zé Capela coçou os cabelos, despediu-se e voltou à casa, muito pesaroso.

---

O pobre velho habitava, como dissemos, o repartimento de um edifício arruinadíssimo, cujas paredes, há muito ameaçavam ruir e sepultar talvez quem ali se achasse.

Uma noite destas, a horas mortas, estava o bairro entregue ao silêncio, quando violentas pancadas soaram na porta da frente.

O velho despertou subitamente sobressaltado e perguntou:

– Quem é lá?

Uma voz respondeu.

- Não é ninguém, sou eu...
- Eu, quem?
- Ora, o teu futuro genro, Zé Capela.
- Vai-te com mil demônios, disse o velho enfurecido.
- Abra senão deito a porta dentro.
- Abrir a porta! Que quer você comigo, seu bêbado?
- Quero que venha beber juntamente ali na venda do Simão.
- Mas eu não bebo.
- Pois bem, beberá hoje. Antes tarde do que nunca e abra porque senão...

O Zé tornou-se ameaçador e o velho, vivamente enfurecido, disse à mulher.

- Mato este diabo.
- Não faça isso, disse ela!

Tem paciência, vai com ele e faz-lhe a vontade que é o melhor.

- Oh! mulher!...
- Irei mais a filha acompanhar-te e assim nada sucederá.

Afinal de contas ficou tudo resolvido, abriram e lá se foram mais o Zé, que desde então acalmou-se.

Chegados à venda, o Zé fez encher um copo, que a pouco esvaziavam animados em grossa palestra.

Neste momento o espaço cobriu-se de nuvens negras, deixando antever pavorosa tempestade que não tardou a rebentar, antes que tempo tivesse o pobre velho de voltar com a mulher e a filha à sua habitação. Em vista disto ficaram o resto na venda, deitados sobre sacos de mantimentos em uma promiscuidade incrível.

Ao clarear do dia agradeceram o agasalho e partiram, mas apenas lá chegados todos quatro se possuíram de espanto perante o assombroso quadro que os esperava.

A tempestade abatera as paredes do repartimento habitado e um montão de destroços envovia os tristes cacarecos daquela pobre gente, que, se ali achasse naquela noite, com certeza teria passado desta para melhor.

– Veja, disse o Zé, salvei-os.

– É verdade, respondeu o velho, e para provar que não sou ingrato, dou-te a mão de nossa filha.

Trocou-se então um grande e fraternal amplexo, e o Zé Capela, em um arranco entusiástico, jurou pelos seus deuses não beber mais senão em noites tempestuosas.

Oscar Leal

O MATO GROSSO. Cuiabá, 15 dez. 1891, a. 13, n. 655, p. 4.; e CRUZEIRO DO NORTE.  
Maceió, 5 fev. 1893, a. 4, n. 13, p. 3.

#####

## VARIEDADES – SOGRA!

Eu era menino, lembra-me bem, quando a conheci no esplendor da juventude.

Era um anjo.

Mais de vinte moços a namoravam e ela correspondia a todos, deixando sempre perceber nos rosados lábios um sorriso malicioso. Se lhe piscavam um olho, ela piscava os dois.

Devido a isso, deram-lhe a alcunha de namoradeira.

Os poetas faziam-lhe versos e comparavam-na a Lua, a Vênus, chamavam-na de veadinha que se arreceia do caçador, de violeta que oculta seus perfumes nas folhas rasteiras do solo, de morena dos druidas, Sibila dos gregos, diva dos magos, estrela condutora, musa do trovador de Veneza, brisa de primavera, terral do inverno e tanta coisa de que não mais me recordo. A muitos parecia haver mais de angélico naquele ser do que de mortal da proscrição humana.

Um dia casou-se, porque, dizia ela depois, uma moça bela como era, não havia de ficar para tia. Que ficassem as que a mimoseavam com a alcunha de namoradeira. As invejosas, essas caras feias.

Casada, continuou a aparecer nos salões, nos passeios, em toda a parte onde a elegância predomina.

Dez anos depois estava cheia de filhos, uns traquinas que não lhe permitiam um momento de descanso. Tornou-se nervosa.

Foi ao espelho e percebeu que o rosto começava a apresentar rugosidades.

– Que inferno, disse consigo.

Mas não era nada. Havia um recurso... pó de arroz, as tintas, as cores.

Todavia mais dez anos decorridos, estava velha, feia, horrenda. Perdera os dentes... um horror. Gritava o dia inteiro, falava e queixava-se de tudo e de todos.

Ainda algum tempo decorrido, então é que foram elas.

Adivinhem agora o que é ela hoje.

É... sogra.

Diabos a levem.

JORNAL DO RECIFE. Recife, 12 fev. 1893, a. 36, n. 35, p. 2.

#####

## VARIEDADES – OS PRIMOS

Tiuca, como familiarmente a tratavam, acabava de completar as suas dezesseis primaveras.

No mesmo dia, os pais fizeram-lhe saber que dentro de um mês teria de casar com o Sr. G., um velhote cujos merecimentos consistiam na fortuna miseravelmente acumulada e no papel importante que representava na política da terra.

Todavia Tiuca amava o primo Lulu muito em segredo, um rapaz folgazão, forte, esbelto e robusto, que não cessava de a provocar.

A sua situação desde esse dia tornou-se horrível, por lembrar-se que como boa filha não podia deixar de obedecer aos pais.

Uma tarde propositalmente encontrou-se ela na sala a sós com o velhote pretendente e disse-lhe nas bochechas:

– Sei que pretende a minha mão.

– É verdade.

– Sei até que meus pais a concederam sem me consultar. Ser-vos-ei franca em poucas palavras.

Eu não vos amo, porque a vossa idade e as vossas cãs poder-me-ão quando muito inspirar repugnância.

O Sr. G não desanimando reprimiu um sorriso mal contido e disse:

– Persisto agora mais que nunca, querida Tiuca. O vosso proceder mais acrisola o amor que me abrasa o coração. Os anos não me arrefeceram o entusiasmo. Demais... deveis pensar no futuro...

– Enquanto o senhor pensar no passado.

– Escuta, como minha esposa serás brilhantemente colocada no pináculo da escala social, serás mulher de um chefe político que foi, de um ex-deputado e ministro que ainda posso tornar a sê-lo, porque isso só depende de mim, compreendes.

No Rio de Janeiro terás carruagens, cavalos de raça, lacaios, sedas, veludos; irás aos grandes bailes, ao Lírico, ao Cassino e causarás inveja às outras mulheres...

Tiuca refletiu e disse:

– Promete-me uma coisa?

– Qual?

– Que viveremos sempre em terra grande, no Rio de Janeiro, por exemplo, onde não haja más línguas?

– Ora essa, porque não?

– Promete?

– Prometo.

– Pois sou... sua.

E casaram-se até antes do dia marcado.

---

Quase sete anos depois é que os vamos encontrar, por ocasião do aniversário do Juca, o filhinho mais velho do ditoso casal.

A mesa estava cheia de convidados e os criados andavam em volta num verdadeiro corrupio.

A cabeceira principal da mesa era ocupada pelo primo Lulu, tendo à direita o Sr. G. e à esquerda sua gentil esposa.

O Juca que nunca deixava de fazer das suas, voltou-se de repente para o pai que parecia triste quando todos estavam alegres e disse num infantil tom de censura:

- Papai você não parece amigo de mamãe.
- Porque, meu filho? disse o velhote.
- Porque nunca vejo abraçá-la, nem beijá-la, nem...
- Ora essa, menino, que lembrança!
- Pois olha, há outro homem que parece ser mais amigo de mamãe que você...
- Porquê?

O Juca levou um beliscão, mas ingenuamente respondeu.

- Porque quando papai não está em casa ele abraça-a, beija-a e...
- Quem é esse homem?
- É aquele, o primo Lulu.

Tableau.

JORNAL DO RECIFE. Recife, 26 fev. 1893, a. 36, n. 46, p. 2.

#####

## MULHER DE CALÇAS

O Carlos é um rapaz inteligente, astuto mesmo, mas sofre de um mal que ataca muitos. Tem a mania de pretender passar por uma espécie de D. Juan. Julga ter nascido para Boccaccio e como este, quer até ter prosélitos, e verdade é que não os tem por princípios, mas pelo desejo irresistível de o desfrutarem.

Pensa o contrário.

De si para si o próprio mundo parece-lhe pequeno, para conter as aspirações do seu espírito e julgando-se belo, insinuante, busca dar expansão a sua pouca coragem.

Há dias passava ele com dois companheiros pela Rua da Aurora e vendo ao longe uma jovem à janela disse-lhes:

- Sabem vocês quem ela é?
- A Candú... uma moça muito séria.
- Dizem que tem um coração de gelo.
- De mármore digo eu.
- Qual mármore nem qual gelo. Vocês são uns parvos. Apliquem-lhe as bichas e verão que cai como um patinho.
- Impossível.
- Querem apostar?

Apostamos... perdemos dez garrafas de cerveja, se fores capaz de conseguir um *rendez-vous* a sós com ela.

– Está dito.

O Carlos foi para casa e refletiu dois minutos, depois pegou da pena e escreveu:

“Minha bela Candú, decididamente amo-te apaixonadamente e para te fazer crer na veracidade do meu amor, preciso ter contigo uma entrevista ao lado do portão que dá para a travessa.

Irei lá à meia noite.

Não fiques assustada se me vires em trajo estranho, porque os tempos são maus e exigem mil precauções.

Se fizeres o que te peço, a tua felicidade é certa; serás a mulher mais feliz do mundo, pois bem sabes que não me faltam meios.

Cuidado, muito segredo e não faltes.”

Teu Carlos.

A negra velha, quitandeira da esquina, foi quem levou a cartinha e como teve do Carlos boa propina, deu à pequena conselhos de arromba.

A Candú, no entanto, não esteve pelos autos e mostrou a carta aos irmãos, combinando estes entre si, um meio de se vingarem do atrevido.

Ficou estabelecido que um deles munido de grosso cacete, se vestiria de mulher para em lugar da irmã, esperar o biltre nos fundos do quintal.

E foi feito.

---

No relógio da Matriz da Boa Vista acabavam de soar as doze badaladas da meia noite e os galos soltavam os primeiros cocoricós nos seus poleiros.

Os reflexos dos vidros escuros dos lampiões da Rua da Aurora pareciam ofuscados pela brilhante escuridão dessa noite, não permitindo a alguém que por ventura ali passasse, ver dois vultos acocorados ao lado de um muro em ruínas.

Decorridos alguns momentos de silêncio, trocaram-se estas palavras:

- Lá vem ele.
- Repara como caminha devagar.
- Mudou de trajo, que patife!

E passou.

O vulto que era de Carlos ficou estático alguns segundos.

Mal sabia ele onde se aninhavam os amigos.

Uma voz parecia-lhe dizer:

– As trevas da noite te cercam. O gênio maléfico abriu-te suas asas fúnebres e sobre tua fronte flutua o crepe da desventura, mas não importa, mostra que és homem até o sacrifício.

Carlos continuou a andar e próximo do muro pôs-se a escutar, depois de alguns instantes galgou-o e uma vez do outro lado disse a meia voz:

– Estás aí Canduzinha?

Outra voz fraca e débil respondeu.

– Aqui benzinho.

O Carlos, ébrio de alegria pela nova conquista, atirou-se a ela num apimento amoroso.

– Anjo adorado! e ela respondeu:

– Meu coração!

Depois, cingindo-a em terno abraço, disse-lhe ainda.

– Parece mais magra. Estás sem espartilho.

Olha quero levar-te a minha casa para te falar tranquilamente e a gosto.

Acompanhar-te-ei novamente de madrugada.

– Pois vamos... mas... dói-me um pé.

– Não é nada, levar-te-ei ao colo ou às costas.

E, sem vacilar, ébrio de glória, agarrou-a pela cintura, passou pelo portão e seguiu pela rua fora.

Quase corria. Próximo ao cais, avistou dois vultos e julgou ser a polícia que lhe está já no encalço.

Parou mas não tremeu.

Ele esperava que os companheiros o procurassem no dia imediato para o cumprimento do dever.

Querendo evitar um encontro, tomou pela ponte Santa Isabel e continuou a marcha, meio esbaforido, calculando que a pequena tornava-se então cruel, servindo-lhe de fardo.

Próximo ao jardim, viu-se repentinamente cercado de praças, que sem se acercarem dele o intimaram a depositar em terra a carga.

E diziam assustadas.

– É uma peça de artilharia!

Um revolucionário.

– Ou um gatuno, dizia outro.

– Nada disto senhores é... minha mulher, que... teve uma síncope...

Salvaram-no os companheiros, que o seguiram como vimos.

– Alto! disse um deles. Este rapaz é nosso amigo e homem de bem.

Quem falava incutia perfeitamente no espírito dos soldados a crença de que o caso era para rir e o desgraçado D. Juan viu-se livre deles quando menos esperava.

– Ganhaste a partida disse o outro.

E dirigiam-se para a Rua 15 de Novembro que a essa hora estava quase deserta.

– A pastelaria Camargo ainda se acha aberta, vamos até lá.

– Mas como?!

– Vamos que estou com sede, respondeu a pequena, ocultando sempre o rosto nas dobras do xale, e seguindo agora pelo braço do Carlos, novamente radiante de glória.

Chegados ao botequim, entraram e tomaram assento.

Lá se achavam ainda a palestrar dois estudantes de Direito.

– Dez garrafas de cerveja, disse um.

– Queremos beber à saúde de Carlos.

E beberam, estranhando todos a maneira por que a pequena os imitava.

– E por conta de quem é a despesa? perguntou afinal o empregado, de mãos nos bolsos e sorriso nos lábios.

Aí é que foram elas.

A pequena como devem saber, era um homem, descobriu o rosto e erguendo persuasivo cabo de vassoura, disse ao descarregá-lo nas costas do infeliz D. Juan:

– Por conta deste tratante.

Oscar Leal

DEMOCRATA. Belém, 15 abr. 1893, a. 4, n. 85, p. 2.

#####

## VARIEDADES – MÚSICA E POESIA

Havia terminado o concerto no Clube Carlos Gomes e Clarinha ouvia ainda enlevada em doce fascinação os ternos e meigos galanteios, os elogios e louvores de seus numerosos admiradores.

Clarinha acompanhara ao piano a ária do Fausto.

*Al pallido chiaron*

*Di astri d'ori...*

cantada pelo artista lírico Scaparelli.

Ia se dar começo ao baile.

Entre os convivas havia um que parecia meditar fitando-a de instante a instante e esperando uma oportunidade para lhe apresentar os seus fracos cumprimentos.

Era o bacharel G., um tipo simpático, de olhos vivos, fisionomia expressiva, representando ter uns vinte e oito anos de idade.

Todos o encontram nos salões, nos restaurantes e nos teatros, em toda a parte, vaidoso de tal beleza, elegante até a afetação, sustentando embora com dificuldade sua posição entre os mancebos que constituem hoje, a fina flor do pelintrismo pernambucano.

Há muito que o bacharel G. se achava apaixonado pela formosa Clarinha, no entanto ainda não se manifestara.

Temia uma repulsa porque a ouvira certa ocasião dizer que só desejava ter por marido um músico ou um poeta.

Ele sabe que Clarinha ama a música e a poesia, levada às vezes ao excesso por viva inclinação.

E o bacharel tinha raiva de si próprio, lamentava-se, sentia um pesar imenso de não conhecer música, gostando, no entanto, de ouvi-la.

Às vezes tinha desejos de ser uma espécie de D. Luiz da Baviera, poder cercá-la de todo o esplendor, satisfazer todas as suas exigências, mas ser ele o único a ouvir-lhe a voz argentina, provar-lhe sozinho em arroubos de entusiasmo a sua admiração pela arte de Verdi; estudar-lhe os gestos, os modos, a expressão e cair-lhe aos pés todas as vezes em que o delírio o fizesse baquear de egoística satisfação.

Ainda desta vez o bacharel G., depois de tudo isso pensar, pela vigésima vez lembrou-se de que não era músico, nem poeta.

-----

A oportunidade de lhe falar apresentara-se. Clarinha conversava distraída a uma janela com a sua simpática amiga Judith.

Neste instante a orquestra dera começo à execução da valsa *Sobre as ondas*. O bacharel acercando-se respeitosamente lhe ofereceu o braço e o simpático par imiscuiu-se rapidamente na chusma de valsistas, sem reparar no

Demóstenes que a um ângulo do salão, torcia o bigode e exclamava ainda de si para si:

"Fomos ambos culpados.

Tu – por um capricho,

Eu – pela loucura..."

Vacilante o bacharel rompeu o silêncio num momento de descanso e disse a Clarinha.

– Sabe que a amo?

– Já uma vez me disse doutor, mas sabe que se sou cruel é por temperamento, por amor do belo. Só me casarei com um músico ou com um poeta.

O bacharel tornara-se lívido de pesar, mas tornou resolutamente:

– E se ainda vier a sê-lo?

– Então... serei sua.

– Minha!

–... Porque amá-lo-ei com dobrada veemência.

– Pois bem, sê-lo-ei.

E dentro de alguns minutos o bacharel G. descia a escada do Clube Carlos Gomes, convicto de que a força de vontade vale mais que tudo neste mundo.

Correu em busca de um professor no dia seguinte, falou com o Gervásio, procurou na redação do *Diário* o misterioso crítico da *Musiciana* e todos lhe disseram que dentro de um ano poderia perfeitamente executar e talvez cantar a tal ária do Fausto.

*Al pallido chiaron*

*Di astri d'ori...*

Sem perda de tempo, o bacharel G. comprou um piano e tomou um professor, mas dentro em pouco este disse-lhe ironicamente que nunca podia ser músico, porque lhe faltava ouvido, no mesmo dia em que o João Barreto lhe dissera que nunca pensasse em ser poeta porque lhe faltava estro.

Terrível desilusão!

O piano estava desafinado, os vizinhos furiosos e cansados de ouvi-lo e a *Gazeta da Tarde* lembrou a conveniência de acabar com a teimosia, recolhendo-o à sala dos loucos na Detenção.

Mas ontem mesmo o capitão Magalhães procurando-o em sua casa à Rua da Concórdia, foi encontrá-lo morto sobre o leito, tendo um revólver numa mão e a seu lado a seguinte carta:

"Clarinha – "Mato-me porque nunca mais te posso nem devo ver nem ouvir, e crê que morro certo de que o poeta nasce, não se faz, e o músico também.  
– G.".

Oscar Leal

JORNAL DO RECIFE. Recife, 28 maio 1893, a. 36, n. 120, p. 2.

#####

## VARIEDADES – AMOR E MEDO

À vacilante claridade difundida pela lua, que se coava vagamente através das tétricas nuvens do inverno, em um ponto no majestoso e poético Tocantins,vê-se diante do competente cais de madeira uma dúzia quando muito de barcos e canoas, como abandonados pelos tripulantes, mas devidamente presas com correntes e cipós, por causa da correnteza do rio.

Daquelas águas não se levanta o mais distingível ruído, nem nos bosques da outra margem se ergue mais do que o piar agoureiro de algum pássaro noturno, em entoação discrepante com o esfarrapado coaxar dos sapos e das rãs, errantes nos atoleiros e pantanais cobertos por luxuriante vegetação.

Excetuando-se o soprar hostil do vento entre uma solenidade sepulcral, tudo estava mudo.

Enquanto, todavia, a natureza se banha nas trevas e no sossego absoluto da noite, de além perto daqueles cais, parte um rumor alegre, vaidoso; vozes alegres de jovens que passam o tempo mortificando o corpo numa valsa com o dom de arrastar e provocar até o momento final.

As melodias arrancadas a meia dúzia de instrumentos são arrebatadoras, ainda mais onde não abundam os conheedores da matéria. Em volta dos músicos alguns rapazes bastante amáveis, mas pobres de dotes elegantes, formam círculo, lançando cada qual de vez em quando olhares furtivos ao belo sexo, em que distintamente paira com mais realce a veloz fruição dos verdes anos.

Entremos nessa sala onde o luxo com certeza não é de pasmar, senão a beóciros e peralvilhos e deitemos de soslaio um olhar sobre essa chusma de pálidas provincianas paraenses, que por si reúnem todos os atrativos, imãs encantadores destas festas.

Que diferença!

Como ali tudo é modesto e belo. Um baile de roça pródigo de encantos.

As fitas como enfeites nos vestidos e as rosas e cravos aos punhados cravadas aos punhados entre os cabelos, constituem o principal adorno.

Há ali uma bela, uma morena encantadora, que de vez em quando desaparece e se some por entre as cortinas das portas anteriores.

Qualquer mais sagaz notaria nos seus modos alguma coisa fora do natural, parecendo mesmo agitada por uma comoção febril.

Repentinamente, como querendo desenvencilhar-se, mas num andar tardio, é cercada por um mancebo que lhe diz:

– Tens par para esta quadrilha?

– Não danço agora, estou incomodada; respondeu a moça, com grande pesar do jovem que como parente, julgava-se com mais direito a receber tal honra.

E foi-se novamente da sala depois de cambiar com alguém, disfarçadamente, um sorriso de satisfação, ao mesmo tempo em que soava no relógio da sala vizinha meia noite.

A orquestra anunciava, com um prelúdio animador mais uma contradança e o dono da casa, um respeitável ancião dos seus oitenta janeiros, de cabelos brancos como a neve, feições compridas e angulosas, velho mas forte, gordo mas leve, ia e vinha de um para outro lado, deixando perceber em seu rugoso semblante a satisfação de que se achava possuído, ao festejar por esta forma o aniversário de uma neta.

---

Mayaya, assim chama-se a jovem de que tratamos, é uma encantadora criança de dezessete primaveras, morena de olhos pretos e brilhantes, faiscando sob compridas pestanas, deixando sempre entreabrir os lábios, o mais gracioso, o mais provocador sorriso que se possa idear.

Mayaya é a fada, não só do seu bairro como de todo o baixo Tocantins. Por quantos a conhecem não é amada, é adorada. Gentil e bela, com outros dotes de somenos importância, possui o indispensável para pisar o solo da felicidade.

Ultimamente, porém, ouvira as declarações apaixonadas de um jovem e percebeu desde logo que o amava. Talvez uma ilusão, mas o caso estava à luz da verdade e Mayaya julgou haver inspirado amor a esse mancebo, crendo-se por ele firmemente adorada.

Este moço não fazia mais do que estudar as mulheres. É um boêmio que pisa hoje o solo da aristocracia, da mesma forma que amanhã, confundindo-se na plebe, esconde o seu nome, o nome de sua família, para cientificar-se onde está o verdadeiro gozo, isto é, se o gozo entre os grandes que se arrastam

triunfantes no regaço da riqueza, acompanhados pela sombra do crime muitas vezes; se o mesmo gozo entre o pobre artista, aquele que vive honradamente do seu trabalho, útil à sociedade e por todos os meios estimado e respeitado.

Zoélio amará Mayaya?

Mayaya amará Zoélio?

É o que não sabemos. Todavia aquele mancebo possuí um bondoso coração e todo ancho de sua dignidade é incapaz da grandeza selvagem do mal e também inacessível a qualquer entusiasmo, desde que esse entusiasmo vá de encontro à retidão de seus preconceitos.

Talvez Zoélio quisesse obter de sua bela uma prova evidente do seu amor e por este motivo combinara uma entrevista a meia noite, perto da casa onde reinava neste momento a alegria e talvez a felicidade.

Sempre precatado, Zoélio, a fim de evitar incômodos, soubera de antemão preparar as coisas da melhor forma possível.

Até a meia noite, por várias vezes abandonara a sala do baile, sumindo-se, ora nos aposentos exteriores, ora mesmo parecendo buscar ao ar livre aspirar um ambiente mais impregnado do aroma dos bosques.

---

Quando dois corações se entreibrem para a afeição, quando ao verem-se pela vez primeira conheceram que desde logo se amavam, o maior óbice não é

um estorvo, é o orvalho benéfico que os vai refrescar, dar mais vida e mais vigor, debaixo de um apego e uma contumácia forte e poderosa.

Havia batido meia noite dissemos nós. Era a hora aprazada.

Quando a bela Mayaya pôs os pés no solo, sentiu crescer aos olhos um brilho febril e deixou cair por descuido uma rosa sobre o chão lamacento. Trêmula, palpante, abaixou-se rapidamente, apanhando a flor.

Estava a poucos passos do local designado. Havia uma concentração em todo o seu ser, neste desejo intenso que sentia de achar-se a sós por um momento com o adorado do seu coração.

De repente quis perceber na profunda escuridade que a rodeava, uma sombra, um vulto ainda mais negro que a noite, como que chegando e sumindo-se rapidamente.

Seria acaso um fantasma, uma alma do outro mundo?

Oh não! Mayaya era suficientemente educada e bastante sagaz, para não acreditar em lobisomens.

Mesmo em criança, ainda menina, historietas dessa laia não lhe cabiam na mente.

O coração batia-lhe de uma forma inusitada.

Felizmente, ainda não estava bem em si, quando sentiu a pouca distância um ruído nas folhas secas. Certo de que Mayaya ali estava, era Zoélio que seguia ao seu encontro.

Mais uma data gloriosa nas páginas da sua vida.

Oh! sublime quadro, perdido nas trevas de uma noite!

A lua espargia neste instante seus pálidos raios sobre o majestoso Tocantins, ao mesmo tempo que Mayaya ouvia a voz de Zoélio febril, ofegante; o seu olhar perdia-se de encontro novamente à sombra de há pouco, quando uma brisa sudoeste passou sorrateiramente agitando os seus cabelos negros.

A água do rio tinha uma ondulação preguiçosa, e à sombra dos bosques, nas duas margens, o silêncio era absoluto. Os sons harmoniosos, soando no salão e ouvindo-se no local do colóquio, pareciam dar maior realce ao brilhantismo deste quadro.

---

O tempo voava.

Era forçoso separarem-se e quanto antes. A última parte da quadrilha ia terminar.

A flor que caíra ao chão, apesar de antes ter varrido a lama, era agora propriedade de Zoélio.

Foi o único mimo que Mayaya pode ofertar ao seu apaixonado. Era o seu retrato, o retrato de sua beleza.

Mayaya é uma flor ou mais que isso, é um anjo.

Uma dessas morenas sedutoras que se acham ocultas pela modéstia neste imenso jardim verdejante e florido que se ostenta do Amazonas ao Prata e tem o sublime nome de Brasil.

A lua se escondia sobre uma nuvem pardacenta e no meio dessa profunda escuridão acabava de surgir a sombra de há pouco.

Feliz visão ou terrível realidade? Como saber?

E dessa feita era Zoélio quem a divisava e que dizia:

– Vês, Mayaya?

E ela respondia presa a seus braços:

– Vejo, mas...

– Mas... não é sombra, queres dizer. É chegado o momento de reflexão, reanimemo-nos portanto. Um dia explicar-te-ei o que significa essa sombra que nos persegue nesta ditosa ocasião. Por hoje adeus, é tempo, a quadrilha findou.

O estalar suave e prolongado de um beijo, perturbou por instantes ainda o sossego da floresta virgem.

Depois, as verdadeiras sombras daqueles dois jovens sumiam-se nas sinuosidades do bosque em direção à morada.

---

Passados dias, Zoélio recordando-se saudosamente de sua bela Mayaya saltava na formosa Cametá.

Era meia noite em ponto, a mesma hora enfim, e pisando um dos cais dirigia-se à sua residência. As ruas pareciam desertas, e para cúmulo de todos os males, os lampiões jaziam quase todos apagados!

Dir-se-ia que Cametá dormia nas trevas, transformada em solitário bosque.

De repente Zoélio, ao dobrar de uma esquina, sentiu como um choque elétrico em todo o corpo, produzindo-lhe uma efervescência de espanto e enfado.

Uma sombra, um vulto e este era real. Um vulto que se afastava rapidamente.

Uma figura escura como a noite, preta como o carvão, lobrega como um vilão, veloz como o avestruz. Envolvia-se num extenso manto ou talvez numa batina.

Um roupeta! Um padre!

Um servo de Cristo! Que andaria o melcatrefe fazendo por ali aquelas horas?

Esse vulto, esse S. Benedito em pessoa, causou horror a Zoélio, que por isso apertou o passo em direção à sua morada.

Passados minutos entrava no aposento.

Era tempo de repouso, mas o sono falhava e sentando-se a uma pequena mesa, Zoélio pegou da pena entregando ao papel estas linhas:

*Querida Mayaya – Parto amanhã, assim é preciso.*

O amor que por ti sinto a outro jamais poder-se-á igualar. Amo-te louca e apaixonadamente.

Para lenitivo de tamanha saudade resta-me a flor que ofertaste. Ela recorda-me esses momentos felizes que estive a teu lado, que aspirei o teu hálito, que estreitei-te em meus braços.

É ocasião agora de explicar-te o que encerrava essa sombra que julgamos nos perseguir no seio das trevas. Essa sombra reproduz-se nesta frase apaixonada, neste canto delicioso, nesta inspiração sublime que imortalizou um coração que também amou.

“Amor e medo.”

O medo alimentava a sombra, a sombra que rodeava o nosso amor.

Abre as “Primaveras” do grande poeta brasileiro Casemiro de Abreu, e lê mais uma vez estes versos:

“Como te enganas, meu amor é chama  
Que se alimenta no voraz segredo;  
Se de ti fujo é que te adoro louco,  
És bela, eu moço; tens amor, eu medo.”

JORNAL DO RECIFE. Recife, 18 jun. 1893, a. 36, n. 137, p. 2.

#####

## DESPACHO

Eu disse que eras um anjo, podes crê-lo,  
No tempo em que as horas consumia,  
Nadando em pleno mar da fantasia;  
Mas que tempo tolo, estulto anelo!

Eu disse que era de outro o teu cabelo,  
Que por ti doravante só vivia,  
Que a teu lado mil horas passaria,  
Até cair-te aos pés com um camelo!

É tu que creste oh minha *doce amada*  
Nas juras que te fiz em doce instante,  
Quando tudo era apenas caçoada!

Perdoa, pois bem sabes estou distante,  
Não penses numa esperança malograda,  
Que não és tu mais a minha amante!

Oscar Leal

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 2 ago. 1893, a. 69, n. 173, p. 3.

#####

## FOLHETIM – MANIAS

Não há pessoa alguma pouco atarefada que deixe de ter a sua mania, e o caso é que as manias acompanham sempre o indivíduo persistente e, todavia, capaz de se salientar seja porque modo for.

O maníaco pode ser um poeta mal construído pela natureza, deixando entrever algumas qualidades apreciáveis, mas incapaz de prender a atenção dos espíritos como tal bem organizados; poderá ser um bacharel, senhor de muito estudo, mas que não é tido como bom mestre em direito ou ciências naturais.

Isso mesmo sucede com todas as profissões, em que se desenvolve o espírito humano, porque pelo estudo consegue-se a habilitação, mas nem sempre a obra.

Estas considerações foram-nos sugeridas pela presença de um indivíduo, possuidor da mania de discursar.

A ele nada lhe inspira mais inveja que um bom orador.

Que coisa difícil é saber falar em público! Verdade é que mais fácil será estar calado quando todos falam.

Viver em um país de oradores e não saber falar é horrível.

Principiou por ensaiar algumas vezes em casa entre a família e não conseguia mais que provocar o riso dos parentes.

No restaurante mordia os dedos de raiva, quando ouvia o criado de avental à cinta, falar sobre os acontecimentos do dia, ou sobre o fechamento das portas.

Que facilidade achava no seu barbeiro!

Que eloquência a do sapateiro, seu vizinho?

E dizia consigo.

- Acaso estudou aquele maldito alguma coisa?
- Porém cavalheiro então não fala? Perguntaram-lhe com estranheza muitas vezes em banquetes e manifestações.
- Sim, senhores, responde sempre, falo, mas o meu pensamento era justamente o daquele sujeito que acaba de falar.

Quando uma saída airosa torna-se necessária, respondia:

– Pois bem, eu falo, mas... mal.

E um homem assim não pode ir a parte alguma.

A que reunião pode assistir um mancebo que nada diz, quer em prosa quer em verso?

Hoje que a monomania se há desenvolvido, vive postergado todo aquele que não é orador.

Como penetrar em um recinto literário, em um clube, em um círculo, um homem que não sabe falar?

Finalmente comprehendeu que o melhor era frequentar a boa roda, entrar na vida do bom tom, fazer-se elegante, frequentar os salões, os teatros, toda a parte onde pudesse desenvolver-se numa convivência instrutiva e proveitosa.

Entrou como sócio para uma sociedade literária e principiou a ensaiar o gesto, os modos, a expressão, de forma a tornar-se no futuro, pelo menos, um hábil orador.

Uma tarde, depois de muito refletir, foi assistir à inauguração do restaurante Gomes na Rua do Crespo e como a lista fosse escrita em francês, pensou que o melhor era não fazer figura feia, pedindo fosse como fosse, ou o quer que fosse, para comer.

– Ora... disse consigo, a primeira linha há de ser uma sopa, a segunda um ensopado, a terceira um assado e a quarta... sobremesa. Não me dá cuidado com o mais. Aponto em lugar de falar e salvo a situação.

Dito e feito.

Veio o criado e ele apontou a primeira linha.

Era uma canja.

Repetiu o gesto apontando a segunda linha.

O criado trouxe-lhe uma sopa de massa.

– Não está mau, disse consigo. À francesa come-se duas sopas.

E tomou-a furiosamente silencioso.

Depois de terminar tornou a chamar o criado e apontou a terceira linha.

Este foi-se rindo e trouxe-lhe uma sopa de legumes, que ele comeu constrangida e dissimuladamente.

Afinal principiou a pensar que com três sopas já estava jantado, a maldizer da arte culinária francesa e receoso de apontar a quarta linha.

Lembrou-se então de apontar ao criado a última, na esperança de que fosse a sobremesa.

O criado fez-se rubro e voltou trazendo o paliteiro.

– *Trés bien!* disse então ao servir-se de um palito. Fico sabendo que à francesa come-se tantas sopas, quantas minha mulher fornece por semana.

Ao menos desta vez fizera uso da palavra vantajosamente a ponto do dono do estabelecimento ordenar, que de então em diante a lista fosse escrita em língua pátria.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Belém, 14 jan. 1894, a. 15, n. 9, p. 1.

#####

## CIRURGIA DENTÁRIA

Um processo notável no tratamento da cárie dentária nas crianças acaba de ser posto em evidência pelo Dr. Stebbins, afamado dentista dos Estados Unidos do Norte e, convicto da sua eficácia, a exemplo do que tem feito o meu colega, Dr. Marchant, julgo de grande conveniência a sua divulgação. É notório que o desenvolvimento físico e mesmo natural da criança é muitas vezes impedido e perturbado pela ruína da primeira dentição e assim não nos devemos admirar das más consequências nas irregularidades do desenvolvimento, a começar pela fraca digestão, quando é certo que esta função é o primeiro passo no processo nutritivo, reunindo vários meios pelos quais as partículas alimentícias, depois de introduzidas pelo respectivo canal, se transformam em substâncias suscetíveis de absorção no sangue. Uma digestão imperfeita é ocasionada sem dúvida muitas vezes pelo mau jogo dos queixos, que impedem a mastigação e trituração dos alimentos.

Sem a perfeita salivação para o ato de digerir os compostos amiláceos, a parte nutritiva dos cereais perde-se para o organismo. Igualmente torna-se impossível ao suco gástrico dissolver a quantidade maior de substâncias que uma criança chega às vezes a ingerir, tendo como consequências os efeitos da má nutrição e fraqueza da energia vital.

O mal é agravado ainda pelos abcessos e cárries, fístulas e tumores alveolares, dos quais emanam fluídos pútridos, contaminando a parte de microrganismos.

Principia a criança a sofrer de dores consecutivas porque sendo as terminações dos filamentos do Tirigênio, os ramos nervosos mais sensíveis de todo o corpo, estão em contínua excitação, pela força do contato que se dá durante o depósito de partículas nas coroas arruinadas dos dentes.

Enquanto a criança sofre, terríveis alterações fisiológicas abalam o organismo e pelo lado moral-psicológico o abatimento moral e mórbido dá lugar à sensibilidade constitucional, tornando-se bastante árduo o seu desaparecimento.

Surgem então os estorvos desenvolvíveis e na faina de aliviar o paciente das dores que sofre, entregam-no muitas vezes nas mãos de bárbaros arvorados em dentistas. Um bruto qualquer mete-lhe o boticão na boca ou mesmo a chave de Garengeot e extraí-lhe os dentes, porque assim lhe dita a sua mal esclarecida consciência. No entanto, é sabido que os dentes só devem ser extraídos em determinada época.

A perda prematura de um dente de leite pode ser origem de uma deformidade da falta de um dente permanente, de mil irregularidades de que resulta o mesmo à deslocação do blastema.

Outro inconveniente surge na imperfeita articulação da palavra, tornando-se o defeito físico, culpado de uma má pronunciação presente e futura.

Os pais pouco escrupulosos julgarão que somos impertinentes no modo por que consideramos o assunto. Em todo o caso é a negligência a única culpada destas coisas e o antropologista só tem que se queixar das consequências que

estão no definhamento do ser humano. O processo do Dr. Stebbins é pois utilíssimo porque resguarda as crianças destes males.

O período evolutivo dentário deve ser passado naturalmente.

Na aplicação de certos sais líquidos sobre os pontos afetados da cárie vemos o processo do Dr. Stebbins cujo efeito é o seguinte:

A substância calcária da dentina esteriliza-se escapando às influências patogênicas.

Em albuminoide inalterável, pela aplicação do medicamento, transformam-se as terminações das fibrilinas dentárias, isolando o tecido nervoso.

Este tratamento deve ser feito desde a mais tenra idade, após minucioso exame, apenas reconhecido o mal.

A sua propagação é utilíssima e assim folgarei que o senhores pais se não descuidem de fazer uso de um processo de que só há a resultar bem para seus filhos.

Oscar Leal

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 30 jan. 1894, a. 70, n. 23, p. 4.

#####

## O CAFÉ

O café é o único amigo verdadeiro que temos conhecido nesta vida. É ele que nos dá atividade ao espírito geralmente anuviado em horas de profunda melancolia.

Ao tragar algumas gotas, sentimos reanimar-se o sistema nervoso.

Com ele os nossos desejos são satisfeitos, favorecendo-nos com a doce languidez de uma vida passada em sonho, transportando-nos a essas épocas felizes em que projetamos glórias, em que tivemos grandes aspirações e gigantescas esperanças de gozo e ventura.

Ah! o café é o nosso supremo bem. Antes de o tomarmos somos talvez pessimistas, mas depois tornamo-nos otimistas e o otimismo é a felicidade que nos entra pelas portas dentro. Já nos não lembramos das almas negras, dos nossos gratuitos inimigos, nem do nosso passado glorioso e cheio de amarguras, nem a terra onde lutamos pela vida, nada.

Não há apóstrofes que devam causar espanto, devemos ser agradecidos aos que nos fazem bem e nada tão bom para nós como o fugir da realidade... Abençoado café.

Oscar Leal

A PALAVRA. Maceió, 21 set. 1895, a. 7, n. 32, p.2.; e MONITOR MINEIRO. Vila Guranésia, 26 fev. 1903, a. 3, n. 107, p. 1.

#####

## AS POMBAS DE VENEZA

Um espetáculo inteiramente novo é o que tenho diante de mim.

Confuso, pergunto às vezes a mim mesmo se realmente estou em Veneza, como se pensasse numa terra que se achava próxima demais e que devia estar ainda muito longe dali.

Mas não há duvidar. Ali estão a ponte dos Suspiros, o palácio dos Doges, a Piazzeta e... as pombas.

Aí está o grande escolho em que tantos têm tropeçado, quando vão resolvidos a relatar mais tarde o que viram e sentiram naquele amplo salão, a que serve de toldo o mais belo céu do mundo, escurecido às vezes quando as milhares de pombas que ali habitam levantam o voo de um lado para outro, para depois virem pousar-nos nos ombros e nas mãos, se acaso nelas divisam alguns grãos de milho que as atraem.

E é a população de Veneza que hoje se dá o dever e obrigação espontânea de as sustentar, o que outrora era feito a expensas do governo da república.

De sua manutenção também, segundo me afirmaram, cuida a municipalidade. Vendedores de milho percorrem a praça, vendendo-o em cartuchos aos *touristes* e curiosos que ali vão.

Parece mesmo que toda a gente em Veneza tem obrigação de dedicar alguns momentos diários às belas avezinhas, e que, nas mãos de cada um, devem estas encontrar um punhado de milho e uma carícia.

Procuram elas de preferência as mulheres e as crianças, que às vezes sofrem assaltos tremendos. É curiosíssimo ver o espetáculo que oferece uma mulher bela quando estende a mão cheia de milho e se vê cercada de centenas de pombas, que esvoaçam em redor de si, pousando-lhe nas mãos, nos braços e nos cabelos, sobretudo nos cabelos.

E as pombas são a origem de várias indústrias em exploração, e que vão produzindo bom resultado, pois, além dos vendedores de milho, existem os fotógrafos especialistas. Não há viajante de gosto que, visitando Veneza, deixe de retratar-se em góndola, se é homem, e rodeado de pombas se for mulher.

A melhor hora, porém, de visitar-se aquele curioso espetáculo é às 11 horas da manhã. A essa hora é feita, de uma janela da *Procuratoria vecchia*, a distribuição de comida às aves. Foi uma veneziana falecida há longos anos quem deixou uma renda perpétua para o sustento das pombas, estando a municipalidade incumbida de satisfazer diariamente os desejos da ilustre e finada dama.

Como seres inteligentes e habituados àquela obrigação, as pombas, formando densa e espessa nuvem, esvoaçando mal soam no *campanile* às 11 horas, defronte da *Procuratoria*, certas de que logo ela se abre, e um criado deixa cair o alimento. Quatro a cinco mil avezinhas, atropelando-se uma às outras, disputam então a preciosa dádiva, com grande gáudio do público, que se aglomera sob as arcadas, em volta da praça.

Quatro dias demorou a minha estada em Veneza, e durante esses quatro dias, apesar de estarmos então no inverno, nem um só deixei de ir ver as pombas na *piazzeta*. E tanto prazer senti em voltar ali, como em visitar uma vez só outros pontos desta cidade maravilhosa e sem rival, com avenidas cujo chão é água, e cujas edificações são palácios de mármore banhados pelas águas do Adriático.

Oscar Leal

ALMANAQUE HISTÓRICO-LITERÁRIO DO ESTADO DE S. PAULO para o ano de 1903. São Paulo, 1902, a. 4, p. 182-183.

#####



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



**Coleção Documentos**

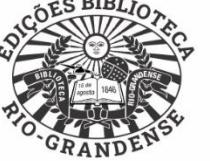
**31**

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

  
**BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE**

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



[edicoesbibliotecariograndense.com](http://edicoesbibliotecariograndense.com)



9 786587216218

ISBN: 978-65-87216-21-8